

A CRIATIVIDADE PRODUTIVA E AS RESSONÂNCIAS EMOCIONAIS DAS
ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA

FERNANDA HARMITT MACHADO

Orientadora: GISELE MARIA SCHWARTZ

Dissertação apresentada ao Instituto de
Biociências do Campus de Rio Claro,
Universidade Estadual Paulista, como parte
dos requisitos para obtenção do título de
Mestre em Ciências da Motricidade (Área de
Pedagogia da Motricidade Humana)

RIO CLARO
Estado de São Paulo-Brasil
Outubro/2004

OFERECIMENTOS

Ofereço esta obra, em especial, a todos aqueles que se interessarem pela temática e à comunidade de maneira geral. Que esse estudo possa trazer contribuições para que se reflitam sobre a qualidade das relações humanas no lazer e no trabalho e sobre a possibilidade de promover-se o desenvolvimento humano criativo, de maneira ampliada e significativa, nesses contextos.

Ofereço, especificamente, a duas Instituições às quais tenho muito respeito e, nas quais acredito como ferramentas para o desenvolvimento humano, quais sejam:

Universidade Estadual Paulista – UNESP e

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC

AGRADECIMENTOS

Para que esta etapa da minha vida fosse concluída com algum sucesso, algumas pessoas foram de extrema importância, contribuindo, muitas vezes, em forma de apoio, interesse, orientação e inspiração ou mesmo compreensão e tantas outras vezes, com a própria transpiração. Nesse sentido gostaria de deixar aqui registrado o meu eterno afeto e gratidão a essas pessoas tão especiais. São tantas e cada uma delas sabe da admiração e do respeito que a dedico. A pequena lista de nomes que segue representa a todas elas, mas, nem de longe, consegue contemplar a todas. Não importa descrever, nesse momento, qual a contribuição efetiva de cada uma dessas pessoas ao longo de todo o processo de pesquisa, mesmo porque se o fizesse, necessitaria de um capítulo inteiro apenas para os agradecimentos e sim, importa que todos fizeram muito e que eu serei eternamente grata.

Para algumas pessoas especiais...

José Augusto de Abreu Machado

Lígia Harmitt Machado

Sidney de Paula Neto

Cátia Harmitt Machado Frasson

Luiz Eduardo Beozzo Penteado Frasson

Eduardo Beozzo Machado Frasson

Rogério Harmitt Machado

Wagner Motomu Hayashida

Henrique Harmitt Machado

Daniela Barbosa de Godoi Machado

Vinicius Barbosa de Godoi Machado

Gisele Maria Schwartz

Afonso Antônio Machado

Valério José Arantes

Vera Lúcia de Menezes Costa

Nara Elisa Hartung Campos

José Claudinei Primolan

Camila Arvolea

Ângela Bassani

José Angelo Barela

Raquel Helena H. Palatin

Com carinho estendo esse agradecimento aos:

amigos do Laboratório de Estudos do Lazer – LEL (IB/DEF/UNESP/RC/SP);

funcionários da Unesp – Rio Claro – SP e

muitos outros amigos

Resumo

Este estudo, de natureza qualitativa, investiga a possibilidade da existência de relações ressonantes das experiências emocionais vivenciadas nas Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN), no contexto do lazer e o desenvolvimento do potencial criativo, no âmbito do trabalho. O estudo foi desenvolvido sob duas perspectivas investigativas: a primeira, uma revisão de literatura sobre a temática proposta e a segunda uma pesquisa exploratória. A pesquisa exploratória foi subdividida em duas etapas: a vivência do *rafting*, Atividade Física de Aventura na Natureza proposta para o estudo, pelos sujeitos participantes do mesmo, seguida da aplicação de um questionário contendo perguntas abertas, o qual buscou identificar os estados emocionais suscitados pela vivência e as estratégias adotadas para a solução de problemas intervenientes, segundo a categorização: 1. processos intelectuais, 2. processos sociais e 3. processos afetivos. Os sujeitos da pesquisa caracterizam-se por serem indivíduos adultos, de ambos os sexos, ocupantes de diferentes categorias de engajamento profissional, porém, em posições de comando de equipe, funcionários de uma Instituição de Ensino Superior do Estado de São Paulo. A segunda etapa da pesquisa exploratória deu-se nas dependências da própria Instituição, onde os sujeitos participaram de um encontro, que teve como objetivo, estimular o desenvolvimento da criatividade para a re-elaboração da resolução dos problemas experimentados nas AFAN e no trabalho, seguido da aplicação de uma entrevista centrada, a qual buscou identificar as possíveis ressonâncias emocionais das AFAN na criatividade produtiva. Os dados provenientes da aplicação dos instrumentos foram analisados e apresentados descritivamente, utilizando-se a técnica de Análise de

Conteúdo Temático. Os sujeitos levantaram como elementos ressonantes do *rafting* sobre a criatividade produtiva, segundo a categorização proposta, principalmente: na categoria processos intelectuais foram destacadas a necessidade de conhecimento prévio sobre as técnicas utilizadas para a vivência do *rafting*, a agilidade de raciocínio e a re-elaboração do conhecimento para atender a novas situações; na categoria processos sociais foram evidenciados o trabalho em equipe e o sincronismo, a confiança e a possibilidade de reconhecimento das habilidades e dificuldades do outro e de si próprio e, na categoria referente aos processos afetivos, foram destacados a possibilidade de transposição do medo, o cuidado consigo próprio, com o outro e com o meio natural e o divertimento. Nesse sentido, os resultados apontam consenso da percepção dos participantes acerca do tema. Todos os participantes acreditam poder haver ressonância da prática do *rafting* sobre a possibilidade de desenvolvimento do potencial criativo no trabalho.

Palavras-chave: emoção – aventura – atividade física – natureza – criatividade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
REVISÃO DE LITERATURA	7
ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA - <i>EMOÇÃO CRIATIVA</i>	7
CRIATIVIDADE - NOS ÂMBITOS DO LAZER E DO TRABALHO.....	27
MATERIAL E MÉTODOS	47
<i>JUSTIFICATIVA</i>	47
<i>OBJETIVO</i>	48
<i>NATUREZA DA PESQUISA</i>	49
<i>PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS</i>	51
<i>INSTRUMENTOS</i>	55
<i>SUJEITOS</i>	57
ANÁLISE DOS DADOS	59
DISCUSSÃO DOS DADOS	63
QUADRO 1	67
QUADRO 2	74
QUADRO 3	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS: <i>UM RECOMEÇO</i>.....	89
REFERÊNCIAS.....	93
APÊNDICE 1	101
APÊNDICE 2	106
APÊNDICE 3	107
APÊNDICE 4	108
APÊNDICE 5	109
APÊNDICE 6	110
APÊNDICE 7	111

[...] vale a pena [...] perguntar-se à gente, antes de penetrar numa floresta cerrada, por que se toma um dado cominho, em detrimento de outro [...] (COHEN, 1970, p. 18).

Introdução

A criatividade, em suas várias possibilidades de intervenção na qualidade da vida social e nos diversos contextos nos quais pode manifestar-se, fascina o homem, em parte, pela representação de genialidade que se formou em torno de indivíduos que apresentam um grande desenvolvimento desta competência e, em parte, pela subjetividade e mitificação da mesma, tornando-se, cada vez mais, um instigante tema de pesquisa e “instrumento” para o desenvolvimento humano.

Discussões vêm sendo travadas, paralelamente, entre o desenvolvimento do potencial criador humano, suas conseqüências para o indivíduo, para as instituições e para a humanidade e sua representação no contexto social contemporâneo representado nas diversidades culturais. Um importante aspecto que viabiliza esta discussão é a complexidade da vida social e a necessidade de adaptabilidade do homem às situações a ele impostas pela convivência humana, no sentido de primar por sua qualidade existencial. Neste sentido, uma incursão nas problemáticas que tangenciam as relações humanas criativas, freqüentemente, esbarra em inquietações e anseios por alternativas que levem o indivíduo a planejar seu próprio desenvolvimento nesta direção, uma vez que a criatividade está atrelada às possibilidades vivenciais qualitativas das relações humanas, nos diversos setores culturais, quais sejam: pessoal, social e profissional.

Frente a tais desafios vivenciais evidenciados, entre outros aspectos, os elementos culturais de uma sociedade representam fatores potenciais da percepção do indivíduo sobre os benefícios de sua interação e integração social nos diversos âmbitos existenciais, podendo determinar diferentes graus de motivação do ser humano na busca pelo desenvolvimento de ações mais críticas e criativas. Neste sentido, as experiências individuais e/ou coletivas poderão influenciar na decisão do indivíduo em esforçar-se ou não a encontrar meios, os quais possam contribuir para o seu processo de desenvolvimento.

Segundo ACOSTA-HOYOS (1985), a tecnologia surge como um fator inerente ao processo de desenvolvimento cultural humano e, muitas vezes, determinante de suas diretrizes, uma vez que sua presença se reflete nos aspectos funcionais, no uso ou desuso de objetos materiais ou de teorias e procedimentos, determinando a novidade e o ultrapassado,

podendo assim, imprimir a necessidade e a busca por aperfeiçoamento e desenvolvimento de habilidades humanas específicas.

Esta necessidade de mudanças está, invariavelmente, atrelada ao rápido avanço tecnológico, entre outros aspectos, o que remete o indivíduo a buscar por alternativas vivenciais mais criativas e por sua especialização em determinadas áreas do saber, seja no âmbito pessoal, como no social ou no profissional.

Esse processo de escolha a que se submete o indivíduo foi descrito por TELFORD; SAWREY (1971), onde os autores salientam que a atenção focada em determinada coisa ou situação se caracteriza pela disposição do indivíduo para perceber ou agir de acordo com seus estímulos motivacionais.

Neste mesmo sentido, para PIKUNAS (1979), aspectos físicos do ambiente e da população, como o clima; a qualidade do ar; o barulho ou sua falta; a localização; o tamanho e a densidade populacional do lar ou do ambiente freqüentado pelo indivíduo e aspectos sociais de convívio, como a cultura local; a educação; a utilização do tempo e outros elementos que compõem o ambiente humano poderão influenciar o desenvolvimento individual, de forma, intensidade e freqüência diferentes. Torna-se importante ressaltar, nesse momento, a capacidade de adaptação e ambientação do ser humano frente a essas variações circunstanciais de ambiente e cultura, no entanto, um determinado ambiente ou situação pode oferecer maior ou menor condição para o desenvolvimento da produtividade, de acordo com essa capacidade adaptativa do homem e de suas experiências anteriores.

Em uma reflexão anterior, GOFFMAN (1975) afirma que aspectos estruturais do ambiente como a vedação do som; algum obstáculo à visão; a quantidade de pessoas

envolvidas; o propósito da situação social ou quaisquer outros fatores ambientais, determinarão uma representação particular do comportamento humano, com uma intenção definida. Assim, a procura por elementos que garantam ao ser humano condições ambientais favoráveis à qualidade da sua existência, torna-se fator constante da atenção humana.

Entre esses diversos aspectos que interferem na qualidade existencial encontra-se o tempo. Desta maneira, na relação do ser humano adulto com o tempo, lembra PIKUNAS (1979), que o indivíduo acumula projetos demais para um espaço de tempo insuficiente. Essa situação reflete-se no cotidiano de trabalho atual, onde a concorrência determina que qualidade e preço, por exemplo, não configuram mais como um diferencial para a competitividade do indivíduo, do produto ou de serviço, e sim, como requisito básico de negociação no âmbito do trabalho e, neste sentido, o indivíduo busca, de maneira geral, desenvolver sua capacidade de surpreender um possível cliente, o que demanda tempo de preparo para a generalização e especialização dos saberes e reflete na organização e disponibilização do tempo do ser humano para o lazer e outras atividades sociais, desvinculadas do contexto do trabalho.

Na tentativa de preservar o tempo disponível para o lazer, o autor adverte ser preciso que se estabeleçam prioridades em meio às atividades cotidianas. Estas prioridades serão estabelecidas de acordo com os valores e as necessidades do indivíduo e, quando determinadas, as atividades ganharão em significado e efeito, possibilitando melhor ordenação das ações humanas, no sentido de considerar o lazer como componente da socialização e do desenvolvimento humano criativo e qualitativo.

O ser humano tem percebido, neste sentido, a necessidade, cada vez mais premente, de procurar envolver-se em práticas estimulantes, cujas características revertam na identificação ou na melhoria da sua potencialidade criativa em todos os âmbitos, tanto social, quanto pessoal e, inclusive, no ambiente de trabalho.

Ao considerar essa possibilidade, o ser humano, de maneira ampla e em situações diversas, tem investido esforços, cada vez mais freqüentes, na tentativa de ampliação da visão e de mudanças de valores sobre as situações que o cercam, buscando alternativas que favoreçam condições qualitativas de alterações nesse sentido.

Nos diversos setores da vida nota-se uma ênfase na busca por alternativas que favoreçam perspectivas de experimentação de emoções mais significativas e de possibilidades de criação de estratégias capazes de satisfazer as expectativas pessoais, profissionais e sociais.

Considerando que o lazer tem merecido destaque no contexto relativo aos fatores intervenientes da busca pela qualidade de vida e experimentação emocional, na sociedade atual, os indivíduos têm valorizado a possibilidade de participação em experiências marcantes, diferentes daquelas vivenciadas no cotidiano do trabalho e que possam interferir de alguma forma, nos outros aspectos existenciais apartados do momento de lazer.

Neste sentido, especificamente, as Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) são destacadas no contexto deste estudo, uma vez que representam, no âmbito do lazer, na atualidade, um fator de interesse crescente, justamente por suas características de possibilitar o distanciamento temporário dos padrões diários, de suscitar emoções diversificadas e de proporcionar o enfrentamento de simulações respaldadas na criação de

novas respostas, o que pode enriquecer sobremaneira as experiências, possibilitando motivos suficientemente fortes para imprimir mudanças axiológicas para além da esfera do lazer.

Com base nesse pressuposto, torna-se instigante investigar, sob a ótica de indivíduos diretamente envolvidos no cotidiano produtivo, suas percepções referentes à identificação das possíveis ressonâncias emocionais advindas de experiências com as Atividades Físicas de Aventura na Natureza, vivenciadas no contexto do lazer, no desenvolvimento do potencial criativo no âmbito do trabalho.

Revisão de Literatura

Atividades Físicas de Aventura na Natureza - *emoção criativa*



FIGURA 1 – momento de calmaria do rio Jacaré Pepira, em Brotas - SP, no meio do percurso do *rafting*. O grupo estava todo reunido.

A revisão de literatura tem como objetivo dar embasamento teórico à pesquisa de natureza exploratória que compreenderá a segunda etapa deste estudo. Busca referência em pesquisas anteriores sobre a temática proposta, discutindo as interfaces evidenciadas entre as mesmas e a presente investigação.

Neste sentido, este momento da pesquisa explora especificamente e respectivamente as temáticas sobre o lazer, as Atividades Físicas de Aventura na Natureza, as emoções e a criatividade. No que tange ao lazer, os próximos parágrafos evidenciam uma retrospectiva de valores às avessas, com início nos dias atuais. No entanto, vale salientar que esta temática pode ser discutida por inúmeros eixos e que este estudo é focada, principalmente, enquanto possibilidade de experimentação prazerosa, enriquecedora das relações sociais e individuais humanas.

DUMAZEDIER (2004), descreve várias possibilidades de abordagens sobre o lazer, quais sejam: em relação aos determinismos sociais, a mecanização dos meios de transportes e de informação, os processos resistentes, as influências sócio econômicas e as relações entre trabalho e lazer.

Sobre o último elemento, o autor destaca a dificuldade de conhecer-se o real significado da recente integração da valorização do lazer na sociedade produtiva e da própria consciência social do trabalho, modificada por essa expansão.

Os tempos são outros e mudanças de paradigmas, ainda que lentamente, têm levado a sociedade a valorizar as práticas associadas a experiências prazerosas. Neste sentido e entre outras práticas pode-se destacar as do âmbito do lazer e do entretenimento, até bem

pouco tempo, instalados em um plano secundário da escala de valores sociais. Talvez, a era do estresse tenha contribuído para a difusão social da idéia de uma existência assentada mais no desfrutar da vida do que no viver para trabalhar (CAMARGO, 1998).

Não se pode negar a influência da ação maciça da mídia, preocupada em atender aos anseios econômicos da indústria do entretenimento e do turismo, como um dos elementos impulsionadores desta valorização. Da mesma forma, CAMARGO (1998) evidencia esta variável ao identificar o campo do entretenimento como também um campo para o trabalho. Nesse momento da discussão é importante tornar claro que a defesa à qual o estudo se propõe não segue esta linha de pensamento. Nesse sentido, o estudo propõe a vivência de atividades no âmbito do lazer, como uma possibilidade de experimentação sensível e de ressignificação de sentidos, do ponto de vista de quem vivencia tal oportunidade, delimitando-o, desta forma, para além do campo do trabalho. O estudo, em função desta delimitação, não pretende explorar as atividades vivenciadas nesse contexto segundo uma perspectiva econômico-social ou de possibilidade de abertura de campo de trabalho, centrando atenção, apenas, na maneira e na possibilidade de reverberação destas experiências no contexto do lazer para um redimensionamento do âmbito do trabalho.

De outro lado, contribuíram ainda para a valorização do lazer as revoluções sociais e conquistas trabalhistas, a diminuição da jornada de trabalho e a valorização do feminino e de tudo o que a feminilidade representa, como a sensibilização ou a permissividade para a experimentação de experiências sensíveis e significativas, a coragem, o cuidado, entre outras características.

Assumindo essa tendência à valorização do lazer, pretende-se discutir ao longo deste estudo algumas possibilidades de intervenção positiva nesta área. No entanto, cabe, neste momento, evidenciar historicamente a caracterização e representação do lazer na sociedade.

Segundo SCHWARTZ (2000), o lazer tem sido historicamente desvalorizado, de acordo com uma perspectiva de valia produtiva na qual é desvinculado. Da mesma forma ocorre com tudo o que com ele faz relação, como o tempo livre, o divertimento e outros elementos. Em contrapartida, grande valor é atribuído a esta prática, do ponto de vista do investimento econômico. O investimento em lazer, principalmente com relação ao turismo, vem crescendo vertiginosamente e pode corresponder à grande fatia do desenvolvimento econômico de uma determinada região. Mais do que a valorização do turismo, pesquisadores como: MARCELINO (1983), SCHWARTZ (2000) e outros procuram salientar os benefícios de toda prática vivenciada no âmbito do lazer, representada pela possibilidade de opção pessoal e experimentação de diferentes processos emocionais.

Corroborando com tais propostas, este estudo busca contrapor a premissa instaurada socialmente de não prioridade, não seriedade e de inutilidade atribuída ao lazer e apontada por SCHWARTZ (2000), demonstrando a possibilidade da reverberação de experiências significativas do âmbito informal, no desenvolvimento de condições qualitativas das relações humanas.

Ainda sob uma ótica historicamente pautada, o lazer, para BETRÁN (2003), observado sob uma visão marxista, surge como caracterização do tempo de ócio da classe

burguesa de uma época, com a finalidade de compensação pelo trabalho e ostentação do poder aquisitivo de uma população.

Com as mudanças sociais ocorridas durante as décadas que se seguiram, até os dias de hoje, o tempo livre e o momento destinado ao lazer, agora passam a ser reivindicados como direito de toda uma sociedade, ressignificando valores e atitudes. Outro fator que contribuiu para o crescimento da demanda de tempo liberado para o lazer, segundo o autor, corresponde, entre outros elementos, ao aumento da expectativa de vida humana, disponibilizando tempo cronológico para que o ser humano possa priorizar suas ações e usufrua possibilidades vivenciais que transcendam o âmbito do trabalho.

Nesse mesmo sentido, outros elementos têm contribuído para a crescente preocupação, não só com a discussão sobre a temática “lazer”, mas com a possibilidade de ampliação de suas vivências, buscando disponibilizar mais tempo para usufruto do lazer. MARCELLINO (1990), a esse respeito, enumera o esforço de uma proposta de recuperação pedagógica do lazer, que consiste em considerá-lo positivamente, como uma perspectiva de mudança, relacionada ao processo de educação e desenvolvimento humano, em um sentido paralelo entre a escola e as potencialidades educativas do lazer. Com isto, imprime-se ao lazer, não uma conotação de compensação de uma condição social desfavorável e sim, a possibilidade de ressignificação e transformação qualitativa do momento presente, em suas diversas frentes.

As atividades físicas, nesse contexto, segundo CRESPO (2003), podem refletir uma gama variada de significados e valores enriquecedores do desenvolvimento pessoal, que diferem de acordo com a condição social, a cultura e o gênero, entre outros fatores, tais

quais são representados pela superação, pela competência, pela habilidade motriz, pela confiança e pela segurança em si mesmo. No entanto, ao considerar-se a atividade física enquanto esporte ou enquanto atividade vivenciada no âmbito do lazer, nota-se a possibilidade de uma aproximação de significados e diminuição de diferenças quando essas atividades são experimentadas no âmbito do lazer, por seu caráter de permissividade, entre outros aspectos.

Ainda hoje, a valorização e os significados atribuídos às experiências vivenciadas no âmbito do lazer, encontram dificuldades em se alicerçar, devido à perspectiva dessa experiência como possibilidade de transformação ser uma ótica relativamente nova de abordagem, sugerindo a necessidade premente de se estimular discussões sobre a temática e, conseqüentemente, fazem-se, nesse sentido, as reflexões deste estudo.

Na expectativa de suprir tais dificuldades de classificação e valorização da temática “lazer”, pesquisadores se articulam em discussões sobre a possibilidade de consenso de sua conceituação. Por décadas, tiveram boa aceitação, as idéias de DUMAZEDIER (1980), o qual classificou o lazer como um conjunto de ocupações desvinculadas das obrigações sociais e profissionais, experimentadas pela livre vontade humana e carregadas de satisfação, seja, vivenciada para o entretenimento, para a participação social voluntária ou para desenvolver a livre capacidade criadora, entre outros motivos.

No entanto, essa aparente concordância com as idéias do autor, não significou consenso e contribui ainda, para a complexidade e para a indefinição da conceituação do termo, segundo MARCELLINO (1983), a programação das atividades, as quais, apropriadas como campo de trabalho, muitas vezes, se desenvolvem em programações não

tão liberadas e voluntárias quanto o termo pretende, o que levou o autor a cunhar o termo “tempo disponível”, como uma base mais sólida para a situação de vivências fora das ocupações, uma vez que ele evidenciou a quase impossibilidade de se tomar o tempo de maneira livre, na acepção da palavra.

Ainda nesse sentido, o autor salienta a forma de difusão das atividades vivenciadas no âmbito do lazer, apresentada no senso comum, normalmente, com uma conotação compensatória do tempo de trabalho e a dificuldade de se estabelecer parâmetros de discussão sob as diversas óticas sob as quais a temática vem sendo estudada e discutida. O autor frisa a crescente utilização do termo “lazer” por diferentes setores e segmentações sociais, contribuindo para uma variada gama de situações que o caracterizam (ou, até mesmo, descaracterizam!) e tentam defini-lo.

Segundo PADILHA (2000) o lazer pode ser discutido mediante duas variáveis básicas, quais sejam: o tempo e a atitude. Atitude, enquanto estilo de vida, caracterizado pela satisfação reflexo da relação sujeito-experiência vivida e tempo, enquanto possibilidade de liberação das obrigações diárias sociais.

Surge, neste momento, uma necessidade conseqüente de situar no tempo as experiências no campo do lazer ou, melhor dizendo, de identificar o tempo para a prática de atividades no âmbito do lazer. Observando-se toda a vida e o desenvolvimento social atrelados, entre outros fatores, ao tempo e a divisão do tempo em atividades é organizada segundo prioridades, oportunidades, possibilidades e atitudes. Sobre isto, PADILHA (2000) lembra que a cronologia da vida humana foi segmentada em fases as quais, por sua vez, determinam as atividades e implicam na divisão do tempo. Socialmente, segundo a autora,

espera-se caracterizar a brincadeira como atividade relacionada à fase da infância, da mesma forma na adolescência deve prevalecer o tempo para o estudo e, na fase adulta, o tempo para o trabalho. Na prática e em grande parte dos casos, o ser humano que, por uma série de condições favoráveis, sobreviver a estas fases antecessoras e transpuser a fase adulto-produtiva, conquistando o direito de se aposentar do trabalho, poderá usufruir plenamente de seu tempo liberado para o lazer, desde que goze, minimamente, de saúde. Esta evidência caracteriza o lazer vivenciado, ainda hoje, como compensação por uma vida adulta inteira de trabalho.

No entanto, ao mesmo tempo em que o ser humano se submete às determinações sociais que dignificam o homem segundo sua ocupação produtiva, busca crescentemente a prática de atividades emocionalmente significativas nos diversos âmbitos sociais, inclusive no lazer. Por sua representação e significado, esta experimentação pode possibilitar mudanças criativas e qualitativas de atitude e ressignificação de valores no contexto de trabalho e do convívio social de maneira ampliada.

Nesse sentido, historicamente, segundo PÉREZ (2003), a necessidade de sobrevivência e a qualidade de vida evidenciaram, sempre, características individuais como a força, a resistência e o condicionamento físico adequado e apurado. No entanto, na atualidade outros elementos vêm tomando destaque, entre eles a emoção e o desenvolvimento das capacidades cognitivas. A condição física ainda tem representação importante no papel produtivo do indivíduo na sociedade, mas o advento do surgimento das máquinas fez com que o desenvolvimento tecnológico suplantasse a força física no que se refere ao desenvolvimento produtivo. Assim, começam a surgir discussões sobre

alternativas vivenciais de adaptação desse novo contexto e a criatividade surge como uma possibilidade qualitativa nesse sentido e o lazer um campo fértil para a experimentação de experiências emocionalmente significativas.

Para os propósitos deste estudo, o lazer, enquanto temática investigativa está sendo considerado, segundo a ótica apresentada por GAELZER (1979), a qual o considera como um elemento constituinte e determinante da cultura de um povo, formado por três bases características, quais sejam: o tempo, em que este é resultado da organização social do trabalho; as atividades, as quais se referem a um conjunto de ocupações desinteressadas e, a atitude, relacionada aos valores, crenças e estilo de vida assumidos.

A autora salienta que a cultura não vive apenas dos progressos científicos, mas também de toda conquista, seja no campo das artes, do pensamento, do progresso de atitudes pautadas na ética, nas leis, nos costumes, nas relações humanas e no entendimento sócio-político e econômico entre os povos. Nesse sentido, o lazer reflete na expressão da possibilidade de conquista social, [...] “em atitude filosófica e mental idealista da natureza humana pelo mais amplo equilíbrio de seus interesses globais”. A vivência de atividades no âmbito do lazer deve procurar apoiar-se na [...] “conquista do tempo livre e” [...] em uma [...] “programação que possa e saiba preencher a diversidade de interesses, tendências, vivências e possibilidades do ser humano” (GAELZER, 1979 p. 13).

Em outras palavras, o termo “lazer”, para este estudo, reflete a possibilidade do ser humano engajar-se em atividades emocionalmente significativas e prazerosas, possíveis catalisadoras de transformações e desenvolvimento nos diversos âmbitos sociais humanos,

que impõem condição de intencionalidade e desejo humano, experimentadas no tempo disponível.

Torna-se importante deixar claro, nesse momento, que o fim das atividades vivenciadas no âmbito do lazer encontra-se na própria atividade e nos interesses ou elementos motivacionais que levaram o ser humano a experimentá-las. Essa particularidade da representação do desejo e da utilização do tempo reflete no desenvolvimento da vida social do indivíduo, na capacidade adaptativa e nos relacionamentos para a construção do saber.

Nesse sentido, pretende-se com esse estudo representar o outro e sua realidade, no contexto das interfaces entre o lazer e o desenvolvimento das potencialidades criativas no trabalho, segundo sua ótica e percepção, frente aos estímulos experimentados com a prática das AFAN e a possibilidade de ressonâncias dessas práticas em outros âmbitos fora do contexto do lazer.

As perguntas que importam nesse momento são: essa ressonância pode ser encontrada na possibilidade de desenvolvimento das potencialidades criativas no trabalho? Para que se consiga experimentar tal ressonância, o que representa peso maior: a oportunidade de poder optar por algum tipo de experiência que possa compor o lazer, considerando, então, qualquer vivência significativa nesse contexto, ou uma determinada atividade em si, com suas particularidades?

Na tentativa de responder a estas inquietações, várias atividades do âmbito do lazer poderiam ser destacadas para os propósitos desta pesquisa. No entanto, devido à recente exposição e à crescente valorização das práticas realizadas junto à natureza e seus

significados sociais, optou-se por estudar o lazer com base nas Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN), práticas emergentes neste campo.

Dois elementos preponderantes são evidenciados nas AFAN, quais sejam: a natureza e a aventura na busca de si mesmo, que podem representar, nesse sentido, práticas corporais de ruptura com o cotidiano, mudança de ambiente, sensação de liberdade e regeneração das forças esvaídas no dia-a-dia. A aventura, segundo SCHWARTZ (2002) representa a própria identidade social na atualidade e, vinculada às atividades do contexto do lazer, por meio das AFAN, mostra-se como alvo de um comportamento positivo, gerador de status e outros elementos de valorização social.

Assim sendo, as AFAN, desafiadoras de crenças e de sentidos, segundo COSTA (2001) podem levar seu praticante à (re) conhecer seus limites e medos, suas paixões, entre outras expressões do ser humano. Em maior ou menor escala, este aventureiro defronta-se com seus limites mais peculiares e mais profundos e emerge, refeito e pleno de satisfação. Desta forma, a aventura não é jogar contra a natureza e vencer seus obstáculos, mas jogar com a natureza, em um sentido de integração.

Segundo a autora, um dos elementos que contribuíram para a crescente associação configurada pela prática das AFAN, entre o lazer, mais especificamente, o turismo e a natureza, é a saturação do consumo das imagens sociais de grande escala. Sob este prisma, a natureza representaria uma possibilidade para que o praticante dessas atividades testemunhasse as belezas e a singularidade regeneradoras das paisagens e, mais do que isso, para que a prática das mesmas constituísse fator de diferenciação social.

Distante da discussão que o estudo prevê, mas, ao mesmo tempo, uma condição a ser considerada a título de ilustração, a autora destaca, para a vivência dessas atividades de risco controlado, a utilização de equipamentos de apoio e segurança de alta tecnologia, que implicam em custo elevado e podem configurar tais atividades como experiências de elite, devido ao alto custo do material empregado para a viabilização das mesmas, assim como o dispêndio com deslocamento e alojamento apropriados para estas finalidades.

BETRÁN (2003) descreve as Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) como elementos conjuntos de práticas recreativas, apoiados nos novos códigos e hábitos sociais do momento pós-industrial, tendo início nos países desenvolvidos da década de 1970. Essas atividades sofreram alterações adaptativas na década seguinte e se firmaram como prática no contexto do lazer, na década de 1990. Hoje, as AFAN representam um modelo emergente no lazer, como catalisadoras de desenvolvimento, pautado nas características atuais de cidadania para a qualidade da vida humana nos ambientes social e natural.

Ao destacar-se a relação destas atividades com o meio natural, BRUHNS (1997) sugere duas possibilidades de intervenção humana: a gratuidade, quando praticadas descompromissadas do tempo cronológico, na intenção de captação da realidade enquanto conhecimento, emoção e motivação ou o utilitarismo, quando destinadas a um fim secundário à própria prática. Quando gratuita, a atividade evidencia maior possibilidade de integração dos elementos envolvidos, quais sejam: o corpo e a natureza. Vivenciada desta forma a atividade está centrada no foco de atenção do praticante, que pode, desta forma,

experimentar um diálogo corporal de sentidos (tato, olfato, audição e paladar) significativo, direto e imediato com a natureza.

Várias modalidades de Atividades Físicas de Aventura na Natureza vêm despontando e, com isso, aparece a categorização das mesmas em atividades de ar, de terra e de água, proposta por BETRÁN (2003). Entre as diversas modalidades atualmente desenvolvidas nestes ambientes, encontra-se o *rafting*, atividade destacada para o desenvolvimento deste estudo em função de suas características que envolvem forte componente emocional, de liderança, de cooperação e de estratégias de resoluções de problemas, o que se adequa aos objetivos propostos.

Segundo OLIVEIRA et al. (1995), dentro da classificação que estes autores também sugerem às AFAN, qual seja: atividades de água, de terra e de ar, o *rafting* é classificado como uma atividade de água, possuindo sua dimensão emocional pautada no ascetismo e provocando sensações, especialmente, de risco e de vertigem. Em alguns momentos essa prática surge como representação do lazer pelo lazer; em outros, como competição em um desdobramento natural da atividade física, ou como resistência aos valores capitalistas e aos padrões sociais cotidianos e como ressignificação das experiências emocionais das relações humanas.

A possibilidade de ressignificação de experiências vivenciais, pautadas nos aspectos emocionais suscitados pela integração do indivíduo com o meio, pode ser encontrada em diversos estudos sobre a participação humana nas atividades físicas de aventura na natureza, como em BRUHNS (1997), SCHWARTZ (2000) e MARINHO (2001), entre outros. Ao mesmo tempo, os possíveis impactos emocionais ressonantes das AFAN nos

diversos setores existenciais da vida humana são, ainda, muito timidamente evidenciados no crescente número de investigações sobre o tema.

BRUHNS (1999) salienta que o surgimento de novas práticas no campo do lazer, como as Atividades Físicas de Aventura na Natureza se sustentam, entre outros aspectos, na busca por experiências sensíveis, envolvendo fatores emocionais.

A autora demonstra inquietação no sentido de não serem apenas as questões relacionadas às sensações de vertigem, velocidade, desequilíbrio, queda, etc, muitas vezes descritas, as responsáveis pela participação do indivíduo nas AFAN. BRUHNS (1999) lembra que existem meios mais fáceis de obtenção dessas sensações, por exemplo, nos parques de diversão.

Desta forma, evidencia-se a inquietação a respeito de quais outros aspectos emocionais estão envolvidos no que tange ao impulso para a participação humana nas AFAN. As ressonâncias dessas representações emocionais apresentam-se em outros setores da vida humana? Que elementos suscitam as experiências emocionais nessas atividades: o contato com a natureza, a participação em experiências grupais, o desafio e a possibilidade de resolução de problemas, o risco, a percepção de tempo e/ou outros?



FIGURA 2 – descida de uma das corredeiras enfrentadas pelas equipes durante o percurso. Nas corredeiras o grupo atendia ao comando de jogar-se no fundo do bote e o instrutor fazia a condução do mesmo.

Para BRUHNS (1999), a natureza constitui um dos principais elementos da sensibilização humana para a prática das AFAN e, nesse sentido, suas representações social e emocional devem ser consideradas para os efeitos deste estudo.

O elemento natureza, ambiente destas atividades de aventura, possibilita enriquecimento das habilidades sensíveis, uma vez que proporciona maior interação entre o ser humano e o meio natural, valorizando a percepção, por intermédio do desenvolvimento das potencialidades táteis, auditivas, olfativas e sinestésicas, diferentemente do cotidiano urbano, onde se valorizam a visão e, conseqüentemente, o distanciamento e a agilidade. O

tato, a audição e o olfato permitem maior interação e aproximação, dependendo da disponibilidade de tempo.

Potencializando essas habilidades humanas sensíveis, as sensações advindas da possibilidade da exposição a situações de risco controlado, inerentes às AFAN, aguçam a atenção e a percepção do indivíduo praticante, uma vez que oportunizam a busca pela possibilidade de antecipação aos fatos ou situações propostas pelas AFAN ou que, por ventura, venham a acontecer no decorrer da atividade. O praticante observa e analisa as possibilidades e o meio e imagina a melhor ação a ser tomada para atingir seus objetivos ou alcançar os objetivos da atividade. O maior ou menor grau de percepção do praticante possibilitará a (re)elaboração do conhecimento para a resolução dos problemas propostos pela atividade.



FIGURA 3 – descida de uma das corredeiras do percurso.

É possível pensar tais situações de simulação de riscos controlados, características dessas atividades, facilitadoras de vivências de estímulo à confiança em si próprio e no

outro, sugerindo a socialização, superando os obstáculos e extrapolando os limites existenciais, que permeiam o prazer da realização.

As Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) também envolvem aspectos relativos à organização e orientação de idéias para a resolução de problemas, exigindo flexibilização e divergência de pensamento, elementos característicos da criatividade.

Esses fatores, quando relacionados às situações existenciais humanas em outras esferas para além do contexto do lazer, podem representar diferenciais que propiciem maior desenvoltura e qualidade nas relações vivenciais do indivíduo.

As AFAN têm sido estudadas nas mais diversas áreas de conhecimento e representadas quanto ao seu significado social e emoções desencadeadas, seja pela própria prática, seja pelo contato com a natureza ou pelo desafio que propõem.

MARINHO (2001) apresenta suas reflexões a respeito da emoção e dos compromissos compartilhados, por meio da prática das AFAN, onde os participantes se envolvem em um jogo de representação de sobrevivência, que remete às necessidades diárias de coragem, interação grupal, tomada de decisão, colaboração e outras, também vivenciadas no desencadear do processo criativo.

A prática dessas atividades tem tomado vulto, em função, entre outros fatores, do desejo do indivíduo de buscar emoções prazerosas no âmbito do lazer e experimentar algo novo, o que acontece, da mesma maneira, no contexto do trabalho.

Para tratar especificamente da atividade proposta para o desenvolvimento do estudo, do *rafting*, devido ao pequeno número de bibliografia técnica especializada na descrição das Atividades Físicas de Aventura na Natureza de maneira geral, tornou-se importante a contextualização da mesma, recorrendo a informações veiculadas em *Sites* especializados em tal temática, qual seja: o *rafting*, especificamente.

Segundo informações acessadas em *Site* (RAFTING...), o *rafting* é uma forma de descida de um rio com águas bravas. Esta atividade exige coragem, concentração, orientação de comando eficiente e coesão da equipe, pois, só assim, o grupo poderá efetuar o percurso sem problemas. Existem níveis mais leves ou mais fortes, de acordo com o tipo da corredeira ou das características e dos obstáculos encontrados no percurso do rio.

A primeira viagem registrada de barco em corredeiras foi em 1869, quando John Wesley Powel organizou a primeira expedição no rio Colorado, EUA, em barcos com remo central. Inicialmente, não havia qualquer técnica para a manobra dos rígidos e pesados barcos nas corredeiras, o que acarretava em problemas de capotamentos e choques com pedras.

Em 1896, Nataniel Galloway revolucionou a prática do *Rafting* com uma modificação muito simples, ele colocou o assento do bote virado para frente, o que possibilitaria que o participante encarasse de frente as corredeiras, facilitando as manobras.

Em meados de 1950, obteve-se melhora significativa nos equipamentos, ampliando-se a prática e possibilitando a descoberta de novos roteiros para a prática da atividade, o que atraiu, ainda mais, o interesse dos amantes dos rios. Os anos 60 representaram grande

evolução por uma série de novos modelos de equipamentos e desenvolvimento de tecnologias criadas para aperfeiçoar essa prática e para a geração de idéias alternativas de vivência da mesma, dando um grande impulso a vivência dessa prática nos contextos do lazer e do *rafting* desportivo. Essa mesma tendência transformadora, entre outros elementos, faz com que, hoje, essas atividades sejam vivenciadas também, em treinamentos empresariais, além do próprio lazer ou do esporte.

Outro elemento que possibilitou que esta prática tomasse maior significado e vulto foi uma evolução de conceitos e tecnologias que resultou no “colchão flutuante” de Jim Cassady, Randy Shelman e Glenn Lewman, os quais criaram o bote com fundo inflável costurado nos tubos principais. A primeira geração de botes auto esvaziantes (AE) foi chamada de *State of The Art Raft* (SOTAR).

No Brasil, a história do *rafting* é bem mais recente. Os primeiros botes para corredeira chegaram em 1982, quando foi inaugurada a primeira empresa brasileira para a prática da modalidade. A difusão da atividade deu-se no final de 1990, quando começaram a surgir outras empresas com esta finalidade.

A atividade requer a utilização de equipamentos específicos como: 1. remos, compostos por três partes: suporte em formato de T, cano e pá, confeccionados em material leve e resistente. São flutuantes e, em caso de emergência, podem ser utilizados como equipamento de segurança e resgate; 2. capacete em material resistente (termoplástico), possuindo aberturas na calota do capacete para auto-drenagem, regulagem de tamanho interna e protetores para as orelhas; 3. colete salva-vidas: desenhado especificamente para a

prática de rafting; 4. botes confeccionados em material como uretano e PVC e de borracha como hypalon. O material mais resistente é uretano e o tamanho varia de 12 à 20 pés, que permite a navegação de 5 à 12 pessoas e 5. corda de resgate, também chamada de saco de resgate ou cabo de resgate, foi especialmente desenhada para facilitar o transporte e o arremesso da corda, compreende um saco de nylon e uma corda maleável que pode ser de diversos tamanhos.

Criatividade - nos âmbitos do lazer e do trabalho.

Para que esta atividade fosse proposta para a pesquisa, que busca as relações emocionais ressonantes das AFAN no desenvolvimento da criatividade no trabalho, suas características humanas, pautadas nas possibilidades sensíveis, no superar-se, no prazer e na idéia de grupo, entre outros, configuraram elemento de destaque, justificando a escolha da mesma entre as demais AFAN. Estes elementos emergem da possibilidade de interação do ser humano consigo e com o outro, por meio de dinâmicas desafiadoras que envolvem espírito e atitude de colaboração, onde vencer pode significar jogo de cintura e minimização de conflitos interpessoais; possibilidade de experimentação de uma integração significativa com a natureza, promovendo conseqüências transformadoras, para além do momento da própria prática.

Para TEVES (2003), nesse sentido, as experiências sociais podem ser representadas e re-elaboradas emocionalmente, a partir do momento em que o ser humano percebe seus próprios estados frente a elas. Dessa forma, faz sentido a proposta desse estudo, que busca alternativas vivenciais ressonantes emocionalmente de uma experiência social (o rafting) para outra (a criatividade produtiva).

Por essa ótica, pode-se observar uma ligação estreita de tais elementos aos diretamente envolvidos com a criatividade em outros âmbitos, tendo em vista que os sujeitos, praticantes destas atividades, parecem estar descobrindo uma nova maneira de viver, por meio de atividades estimulantes, brincando com a possibilidade do risco controlado e com a sensação do perigo, em um jogo que envolve criador e criatura, em outras palavras, a parceria humana com a tecnologia, conforme salienta MARINHO (2001).

Sobre a possibilidade de desenvolvimento das potencialidades criativas, PRECIOSA (2002), nesse sentido, propõe que se reflita sobre o que realmente é criatividade e quem realmente é criativo. Para a autora, a criatividade tem sido vista como capital intransferível que devemos descobrir como e de onde desenterrá-lo. A autora mostra indignação sob a ótica das possibilidades de desenvolvimento da criatividade individual e sobre as inúmeras regras e caminhos para alcançá-la propostas em um grande número de obras sobre a temática. Fala ainda da frustração daquele que não consegue enxergar o caminho ou estando nele, pega um desvio que “põe tudo a perder”.

Esta autora fala de sucesso e de fracasso e da criatividade imposta como condição para esse sucesso. Ao contrário, o que este estudo pretende mostrar, entre outros fatores, é o fato de que, justamente, o sucesso não deve depender de uma ou outra competência humana e a criatividade deve ser vivenciada como parte de toda experiência, independentemente dos resultados imediatos.

Da mesma forma que critica a revolução criativa para o sucesso, PRECIOSA (2002) lembra seu leitor de que a criatividade tornou-se algo desejado e familiar, mesmo em sua condição de termo complexo, subjetivo e sem consenso de definição e dificuldade de

mensuração. [...] Inventar é movimentar-se no território radical do inesperado, que nos desarticula completamente” [...] (PRECIOSA, 2002, p. 143). Nesse sentido, este estudo não tem a pretensão de tornar-se manual para o desenvolvimento da criatividade e sim, apresentar outras perspectivas nas discussões sobre a temática.

Outro aspecto interessante a ser lembrado nesse momento, ocorre na perspectiva da percepção individual dos elementos emocionais experimentados pelo ser humano, que é intransferível e que é do outro (AMORIM, 2003) e que pode contribuir para a construção do ser social criativo.

Nesse sentido, muitas são as possibilidades emocionais experimentadas na vivência das AFAN, deste o cuidado, a adoração, o prazer até o medo representado pela imaginação humana sobre a experiência de arriscar-se, mesmo que com a integridade física assegurada pela utilização de equipamentos de segurança e aparatos de alta tecnologia. Essas sensações tornam-se extremas sob a ótica da segurança como princípio regulador social (COSTA; TUBINO, 1999).

Torna-se importante salientar que estas atividades não caracterizam retrocesso social às formas e interações primárias de convívio, qualidade pertença e processos emocionais e sim, retorno. O retorno pressupõe que se esteja alocado em determinada região ou situação, que haja o distanciamento da mesma por um determinado período tempo, mas garante o resgate da condição inicial. Neste sentido, caso representasse retrocesso não caracterizaria fuga do cotidiano, tornar-se-ia cotidiano.

Reafirmando a idéia do não retrocesso, há que se considerar a tecnologia de ponta, a qual permite que os riscos sejam controlados e, cada vez mais, viabiliza a prática destas

atividades. Os processos emocionais, nesse sentido, são experimentados de maneira assegurada e liberada de preocupações concretas, o que ajuda a difundir a prática.

Percebe-se nas AFAN, entre outras intervenções, grande impacto dos componentes emocionais e, para que se estabeleça interface entre os elementos aqui pesquisados, torna-se necessária uma incursão específica sobre as bases das emoções humanas e, nesse sentido, nos parágrafos seguintes, encontram-se algumas definições e discussões sobre esta temática.

Buscando um referencial para o estudo da emoção nesse contexto, segundo GUTIERREZ (2003), a emoção integra três tipos de processos que se produzem em três níveis, quais sejam: o cognitivo, relacionado ao sentimento; o biológico ou fisiológico, trocas e alteração bioquímicas do organismo e o social ou motriz, que corresponde à representação da emoção pela expressão. Nesse sentido, torna-se interessante diferenciar emoção e estado de ânimo. Segundo o autor, enquanto emoção é breve, intensa e leva o indivíduo a experimentar um número maior de alterações fisiológicas, o estado de ânimo representa uma tendência à ação, a qual não interrompe o processo de pensamento, acontecendo de maneira mais lenta, gradual e sutil, imprimindo ao sujeito um estado generalizado de sentimento positivo ou negativo. A importância do esclarecimento de tal diferenciação dá-se para delimitar o foco de ação desse estudo, que enfoca a emoção e sua relação com o desenvolvimento das potencialidades criativas.

Para GOLEMAN (1995) a emoção é representada pelo sentimento combinado aos seus pensamentos distintos e tendências para ação, decorrentes de estados psicológicos e biológicos. Este autor salienta, ainda, a dificuldade de se pormenorizar emoções

específicas, por apresentarem sutilezas não captadas pelo vocabulário humano. Neste sentido, aspectos e experiências individuais determinarão nuances emocionais de uma riqueza ao mesmo tempo instigante e complexa.

No entanto, a necessidade de delineamento do objeto de pesquisa fez com que pesquisadores tentassem classificar as emoções primárias e, mesmo sem um consenso definitivo, segundo GOLEMAN (1995), as principais candidatas a integrar esta lista são representadas pela ira (fúria, revolta, ressentimento, raiva, exasperação, indignação, vexame, acrimônia, animosidade, aborrecimento, irritabilidade e hostilidade, entre outras); Tristeza (sofrimento, mágoa, desânimo, desalento, melancolia, auto piedade, solidão, desamparo e desespero, entre outras); medo (ansiedade, apreensão, nervosismo, preocupação, consternação, cautela, escrúpulo, inquietação, pavor, susto e terror, entre outras); prazer (felicidade, alegria, alívio, contentamento, deleite, diversão, orgulho, arrebatamento, gratificação, satisfação, bom humor, euforia e êxtase, entre outras); amor (aceitação, amizade, confiança, afinidade, dedicação, adoração e paixão, entre outras); surpresa (choque, espanto, pasmo e maravilha); nojo (desprezo, desdém, antipatia, aversão, repugnância e repulsa); vergonha (culpa, remorso, humilhação, arrependimento, mortificação e contrição, entre outras).

Para tornar a investigação do tema ainda mais complexa e subjetiva pode haver, segundo o autor, emoções derivadas da combinação destas emoções primárias. Garantindo tal complexidade ao presente estudo e, na tentativa de não influenciar as respostas do grupo participante e mais, com o objetivo de captar as expressões autênticas e significativas aos mesmos, sob a ótica das experiências vivenciadas, torna-se importante ressaltar, nesse

momento, que não se prevê esclarecimento prévio sobre tal classificação aos participantes da pesquisa. Considerando a individualidade do processo, poderá haver relatos de representações mais ou menos emocionais ou significativas, segundo as características sensíveis de cada participante.

O ser humano parece trabalhar preponderantemente as emoções quando o pensamento e a ação decorrerem do sentimento gerado pelo estímulo vivenciado. Desta forma, como reflexo e não como reflexão, o trabalho emocional apresenta-se de maneira muito mais rápida que o racional (GOLEMAN, 1995).

Como toda situação, esta apresentada pode ser entendida tanto do ponto de vista positivo como negativo. Negativo, no sentido de que todo ato impensado, resultante de um impulso, pode, mais facilmente, desdobrar-se em resultados indesejados. Em contraposição, atos pensados sugerem a disponibilidade de tempo o que permite a avaliação das diversas possibilidades e conseqüências. Sob o ponto de vista positivo do trabalho emocional, pode-se observar maior capacidade de adaptação ou de enfrentamento das adversidades o que, no curso da evolução, segundo GOLEMAN (1995), muito provavelmente salvou espécies e hoje, pode representar, entre outras coisas, o diferencial humano do profissional disputado no mercado de trabalho.

Como o próprio nome sugere, socialmente ou considerando os propósitos deste estudo, mais especificamente nas atividades vivenciadas no âmbito do lazer ou do trabalho, não é possível tratar o indivíduo isoladamente, como se estivesse protegido de todo estímulo, por uma redoma de aço intransponível. Assim, os grupos interagem e os

indivíduos pertencentes aos grupos estimulam-se emocionalmente, mutuamente, independente de intenção declarada.

A interação social pode desencadear ações reflexas aos estímulos emocionais como o medo da exposição, da exclusão, de ser prejudicado e outros, que poderão edificar barreiras para a resolução de problemas comuns de trabalho, mesmo quando todo o grupo tem consciência racional de que está trabalhando em busca de um objetivo comum (PAGÈS, 1976). Da mesma forma, elementos como a liberdade, o respeito e a coragem, as emoções como o deleite, a diversão, o arrebatamento, a aceitação e a confiança, entre outras, podem significar a coesão grupal ou colaboração criativa na busca por objetivos comuns.

A situação estímulo contribui para impulsionar o comportamento humano para uma ou outra direção, no entanto, segundo GUTIÉRREZ (2003), não se consegue afirmar qual emoção o sujeito experimentará ao observar-se o estímulo ao qual foi submetido e dessa forma, ao não considerar-se as variáveis ambientais e culturais, torna-se superficial afirmar qual a situação estímulo capaz de promover a colaboração criativa, por exemplo.

A colaboração criativa acontece, segundo HARGROVE (1998), quando o ser humano percebe e reconhece que suas habilidades e competências técnicas, seu ponto de vista e sua perspectiva ou mesmo o seu talento não são suficientes para transformar intenção em realidade. Colaboração criativa refere-se, por exemplo, ao fato provado de que um bando de aves, voando juntas em uma formação em V, consegue percorrer duas vezes a distância que um pássaro voando sozinho conseguiria (HARGROVE, 1998).

Essa capacidade de perceber as coisas e situações pode ser mais ou menos intensa ou significativa, de acordo com as experiências emocionais, às quais o ser humano se submete ao longo de sua vida e depende, entre outros elementos, de sua interação social e da percepção dos limites entre si próprio, o outro e o meio.

Nesse contexto, algumas inquietações tornam-se instigantes de investigações diversas no campo das emoções humanas, como por exemplo, o estudo dos elementos e das respostas emocionais, derivadas dos aspectos emocionais relativos à inteligência humana. Hoje, sabe-se que cada área ou dimensão cerebral está diretamente relacionada a uma ou mais funções existenciais humanas, inclusive àquelas referentes às emoções. Nesse sentido, estímulos externos podem funcionar no desencadear de emoções, como um interruptor de luz em um quarto escuro. A situação estímulo causa a pressão mecânica necessária para que haja uma transformação de estado físico cerebral, podendo desencadear emoções humanas diversas, mais ou menos profundas, de acordo com a intensidade e com o significado do estímulo.

Segundo a mesma ótica, ANTUNES (1997) sugere, ainda, outras inquietações no que diz respeito a como funcionam as emoções na vida humana e qual a importância do seu estímulo para o desenvolvimento humano nos diversos contextos.

Mais tarde, o autor, de certa forma responde a esta pergunta ao salientar o consenso de que uma experiência emocionalmente afetiva [...] “constitui uma das mais sólidas bases da mente humana e que a essência dessa tarefa de educar pessoas [...] consiste justamente em oferecer estas experiências” (ANTUNES, 2000, p. 107).

Tais aspectos emocionais, suscitados, entre outras bases, pela relação entre a motricidade e as experiências humanas sensíveis, podem ter efeito catalisador sobre inúmeros aspectos da vida humana, incluindo o que concerne ao tema da criatividade, superando a concepção dualista, que definia a supremacia da mente em relação ao corpo, quando entra em jogo a questão cognitiva. Com estas novas visões acerca da inteligência, dos aspectos da motricidade e do envolvimento emocional, tem-se o corpo como elemento mais amplo em seus significados.

Nesse sentido, segundo TEVES (2003), a rede de relacionamento que se estende entre o ser humano e o mundo decorre de sua experiência ao sentir, pensar, agir, sonhar, desejar, imaginar e seduzir.

Sob essa mesma ótica e já há algum tempo, a área de Educação Física, vem lutando contra o estigma que, muitas vezes, insistia em separar corpo e mente. Em SCHWARTZ (1991), a autora descreve esta tendência, ainda presente na época e discutida ainda hoje e a ansiedade da academia em alcançar a plena articulação do todo humano. Considerando esta proposta, a autora salienta a necessidade do ser humano ser, ou seja, de exprimir pensamento e sentimentos de acordo com a sua experiência de vida e capacidade perceptiva, sobreposta à necessidade do ser humano estar, que consiste na valorização humana segundo uma condição temporária de estado, como elemento fundamental da condição humana, enriquecida pela expressão, pelo sentimento, pela emoção e pela busca.

A busca humana pode representar, entre outros fatores, a necessidade de criação de algo novo, de mudança de postura, de atitude, entre outras, de ampliação da qualidade

existencial e de crescimento e desenvolvimento humanos, bem como, a necessidade de solução de um ou mais problemas no trabalho e em outros âmbitos.

Assim, torna-se necessária a experimentação de práticas sensíveis entalhadas em emoção e criatividade, entre outros elementos capazes de estimular o desenvolvimento do indivíduo agente de sua cultura (SCHWARTZ, 2000). Emergem, daí, inquietações sobre a possibilidade de ser o lazer, segundo sua perspectiva de liberdade de opção e sensibilização humana, de espontaneidade e de experimentação de sensações prazerosas e significativas, catalisador destes processos.

Para o desenvolvimento de qualquer habilidade humana, inclusive da criatividade produtiva e na busca pela possibilidade de reverberação das experiências humanas, propõe-se a consideração do ser do humano em todas as suas interfaces e significados sensíveis vitais, como salienta SCHWARTZ (1991), caracterizando-o como ser simbólico dotado de razão, emoção e imaginação.

No que concerne ao processo imaginativo, TENNYSON; BREUER (2002) experimentaram simulações para a resolução criativa de problemas que requerem a análise do aprendizado, a elaboração do conhecimento e o preparo para a proposição de soluções de dominação de problemas específicos. No entanto estas simulações devem promover uma interatividade representada pelas conseqüências experimentadas pela tomada de decisão. Os autores concluem, em seus estudos, que tais simulações podem desenvolver e elaborar habilidades para a combinação criativa do conhecimento. Nesse sentido, estes autores apresentam uma diferença entre conhecimento e criatividade, ao caracterizarem o conhecimento como matéria-prima e a criatividade como o processo de re-elaboração e

combinação do conhecimento ou, em outras palavras, como derivado da consciência deliberada e espontânea da combinação de conhecimentos prévios.



FIGURA 4 – descida de uma das corredeiras, no meio do percurso.

Então, estes elementos instigam a indagação da possibilidade de a prática das AFAN atuarem como uma simulação de experiências sensíveis, uma vez transposta dos domínios do lazer para o âmbito do trabalho.

Para suprir a profundidade dessa discussão, o estudo busca ater-se, neste momento, a entender a criatividade, em suas particularidades, como consequência do humano ser, apoiando-se em estudos anteriores sobre a temática.

Segundo ALENCAR (1993), para entender-se a criatividade ou o seu processo, inicialmente, torna-se necessário saber não existir um consenso sobre a definição deste termo, mas que, de certo modo, há uma tendência, entre a maioria dos pesquisadores do assunto, em caracterizá-la diretamente relacionada à necessidade de elaboração ou re-elaboração de produtos ou idéias.

Assim, torna-se interessante sublinhar que, para os propósitos deste estudo, esta necessidade de re-elaboração foca, especificamente, o campo das idéias, na possibilidade de ressignificação de experiências para a resolução de problemas ou implantação de melhorias de processos de trabalho do grupo pesquisado, segundo uma transcendência emocional das ações experimentadas na esfera do lazer para o ambiente de trabalho, suscitada por experiências sensíveis na relação entre motricidade humana, aventura e natureza.

Desde já, nota-se a estreita relação que pode se edificar entre as estratégias vivenciadas nas práticas de aventura na natureza e sua provável capacidade de redefinir valores e atitudes e o desenvolvimento da criatividade.

COHEN (1970) vai mais fundo para descrever a subjetividade e a gama de possibilidades sugeridas pelo termo, ao apontar que a criatividade não conhece fronteiras, apresentando uma infinidade de representações e fontes geradoras, desenrolando-se por sinuosos e imprecisos caminhos, onde os produtos da criatividade são evidentes e inconfundíveis, mas, nem sempre acessíveis aos diferentes setores sociais. A casca dura, representada pela posição e condição sócio-cultural do ser humano, nem sempre é transposta. É necessário que se disponibilizem as ferramentas adequadas e que se promova a aprendizagem para a utilização das mesmas.

THOMPSON (1995, p. 24) descreve que “criatividade é a capacidade de olhar para a mesma coisa que todos os outros, mas ver algo de diferente nela”.

Mas, como ver algo de diferente sem levar em consideração a questão do tempo despendido para esta atividade? De MASI (2000) salienta a importância da crescente valorização social do tempo para o divertimento, como experiência plena da existência humana, pautada pela descontração, criatividade e tolerância e por que não entender-se, entre outras possibilidades, do lazer, tradicionalmente condenado.

O autor descreve a criatividade como uma síntese entre a regra e a emoção, a fantasia e a concretude. Nesse sentido, as AFAN são, da mesma forma, caracterizadas como um elemento representante desse universo criador de fantasia e realização.

Nesse sentido, a criatividade pode ser, ao mesmo tempo, fruto e semente da possibilidade de experimentação do lazer, uma vez que seus produtos, muitas vezes, são utilizados para simplificar a vida humana, ampliando a possibilidade do tempo liberado das obrigações.

DE MASI (2000), ao delinear seu pensamento sobre a criatividade, vai além do aparente benefício que esta pode oferecer à qualidade de vida humana, ampliando essa possibilidade de ganho para a ciência, para a arte e para a sociedade como um todo.

NOVAES (1980), por sua vez, divide a criatividade, segundo as diversas definições a ela atribuídas pelos pesquisadores, em quatro categorias, quais sejam: a pessoa criativa e seus temperamentos, traços de personalidade, valores, emoções e atitudes; o processo

criativo, o pensamento, as motivações e a percepção do que é criativo; o produto criativo e as influências ambientais da criatividade.

Essas influências podem ocorrer da criatividade para o ambiente ou o contrário.

A esse respeito, considerando os sons do ambiente, entre outros elementos, CAMPBELL (2001), em suas investigações sobre os efeitos ressonantes da música, descreve um de seus estudos onde afirma que para se estimular a criatividade, por meio da música, ela, a música, deve possibilitar que o ouvinte atinja um estado de consciência teta, que o autor associa à inspiração artística e espiritual, o qual permite a estimulação de ondas cerebrais altamente criativas. Essa música deve otimizar a criatividade e a resolução de situações que não se prestem a soluções simples e lineares.

Esse estudo aponta o Jazz como provocador de um estado ideal para o desenvolvimento da criatividade, que envolve a atenção, a habilidade de adaptação, permitindo o distanciamento e o retorno às situações cotidianas e a capacidade de reagir sem que se tenha garantia dos resultados. Talvez, a relação mais profunda encontrada entre o Jazz e a criatividade esteja no fato dele se movimentar no caos e criar ordem a partir dele. Não é interesse desse estudo, no entanto, aprofundar tal discussão técnica sobre a música como elemento estimulante do desenvolvimento da criatividade. O que pode interessar, com base nestas afirmações dos autores, é refletir sobre o que poderiam representar os sons da natureza, experimentados nas AFAN em relação ao fomento da criatividade. No entanto, esta indagação não faz parte da delimitação deste estudo. Nesse momento, apenas o ilustra.

Ainda no terreno das artes, MARIM (1976), em seus estudos sobre os efeitos da educação artística sobre o desenvolvimento da criatividade não-verbal, encontra influência

significativa nessa relação. No entanto, seus experimentos não apontam qualquer alteração, positiva ou negativa desse desenvolvimento, quando as atividades artísticas são realizadas nas horas de lazer ou no ambiente educacional. Essa descoberta instiga a necessidade de aprofundar-se em estudos que relacionem o lazer e a criatividade.

Considerando a possibilidade do lazer como sendo um contexto carregado de sentidos positivos para a experiência humana, torna-se interessante descrever as descobertas de GRAWITCH; MUNZ; KRAMER (2003), que conduzem o desenvolvimento da criatividade relacionado à vivência de situações positivas. Em seus estudos, os autores submeteram um grupo de 57 trabalhadores temporários a experiências em situações positivas, neutras e negativas e posteriormente a cada uma delas, o grupo foi conduzido a participar de atividades testes para o uso de suas potencialidade criativa. O estudo constatou que, em experiências positivas, a criatividade foi implementada e sua eficiência foi superior aos outros casos, já para as situações de neutralidade, instauraram-se problemas na capacidade do grupo em focar o problema e, por fim, submetidos a situações negativas, surgiram problemas de relacionamento em grupo, mas que em nada interferiram no potencial criativo do mesmo. Nesse sentido, será possível pensar o lazer como uma experiência de significados positivos implementadora dos processos criativos produtivos?

Parece claro como olhar para um ponto fixo no céu salpicado de estrelas minúsculas. Num instante tudo está visivelmente definido, no outro, o reflexo de suas luzes se misturam e confundem-se e se fundem em um indissociável clarão. Muitas vezes os pesquisadores se deparam com este estonteante, às vezes considerado mágico, clarão da criatividade.

Mas, criatividade não é mágica, é sim, uma associação das competências cognitiva, afetiva e motora do ser humano, entre outras variáveis.

Antes de aprofundar as discussões sobre o processo criativo, vale dar destaque à questão da improvisação e da espontaneidade. Para MORENO (1975), a criatividade tem, como primeiro estágio, a espontaneidade e em segundo lugar, a sensação de surpresa. Segundo o autor, a improvisação inicia-se por estímulos internos ao indivíduo, no seu “estado” de espontaneidade. Esse processo flui em uma constância de inconstante intensidade, de altos e baixos, de ascensão e declínio. A espontaneidade, segundo esse autor, é o princípio essencial de toda ação criadora, é a própria criatividade produtiva. Para que esse processo ocorra, o indivíduo deve submeter-se a um estado de aquecimento. Para MORENO (1975), o estado de espontaneidade independe da emoção ou dos sentimentos, [...] “é produzido por um ato de vontade” [...] (MORENO, 1975, p. 86). Em outras palavras, o estado de espontaneidade não decorre das emoções ou dos sentimentos experimentados, é liberado e motiva ações criadoras internas e o processo de socialização das mesmas. Para esse autor, o criativo constrói-se na união do consciente e do inconsciente. Não ocorre em um ou outro, especificamente. Para MORENO (1975), o inconsciente permanece em estado de constante construção e desconstrução na mente da pessoa criativa.

Para ALENCAR (1993), bem como para outros autores, como OECH (1995) e THOMPSON (1995), a criatividade caracteriza-se como produto de uma junção de fatores, que permeiam a experiência de vida do indivíduo, sua disciplina, dedicação, conhecimento e motivação, entre outros aspectos.

Tratando das motivações que levam ao movimento criador, OSBORN (1981) evidencia a importância do elogio e do apreço para o estímulo de esforço criativo. As idéias devem ser inspiradas e o poder criador guiado.

Para o processo de desenvolvimento da criatividade, além da motivação, entre outros elementos citados, também devem ser considerados aspectos importantes aqueles relacionados com a pessoa criativa, com o produto criativo e com a avaliação dos resultados criativos.

Considerando tais elementos, TORRANCE; TORRANCE (1974) descrevem a necessidade de se entender e usar, conscientemente, fatores emocionais e formular critérios de avaliação das variáveis potenciais do processo criativo. Para isso, indicam algumas habilidades humanas essenciais, quais sejam: perceber problemas e lacunas, coletar e combinar informações, experiências e conhecimentos, produzir soluções e desenvolver critérios de avaliação das mesmas, decidir e elaborar planos e detalhes de implantação, entre outras.

A percepção do indivíduo sobre si próprio e sua capacidade de ser no mundo representam característica importante na possibilidade de desenvolvimento de ações criativas. Vale lembrar AMORIM (2003) que muito bem discute a questão do ser e do saber em construção, onde cabe dizer que a percepção do indivíduo sobre suas relações sociais e individuais no mundo não é algo finito e determinado e sim, um constante movimento de busca e descoberta. A criatividade, dessa forma, aparece como elemento dessa construção/desconstrução/construção e deve assim ser experimentada como parte da corporeidade humana.

Em outros estudos, TORRANCE (1976), buscando compreender os sentidos da criatividade ou do indivíduo criativo, engendra suas investigações no sentido de entender a personalidade criativa. Para tanto esse autor fez um levantamento de estudos até então realizados e destacou elementos de personalidade evidenciados em tais investigações. Cabe aqui listar algumas das oitenta e quatro características citadas por TORRANCE (1976), mais especificamente, as mais relacionadas com a questão da vivência do lazer e da aventura: a pessoa altamente criativa aceita desordem, é aventureira, tem afeição forte, é altruísta e consciente dos outros, corajosa, apresenta desejos de descobrir-se, tem determinação, é emocionalmente sensível e cheia de curiosidade, descobridora de desafios, intuitiva, é sensível a estímulos externos e a idéias alheias, autoconfiante, tem senso de destino e de humor, é sensível à beleza e disposta assumir riscos, entre outras. Da mesma forma e devido às características que descrevem as AFAN, o indivíduo, inserido no contexto dessas práticas, necessita de certa dose de coragem; consciência de equipe; estímulo para a aventura; curiosidade; enfrentamento; sensibilidade e autoconfiança, entre outros elementos que, por si, confundem-se com as potencialidades criadoras do ser humano.

No trabalho, a criatividade é valorizada, segundo HARMAN; HORMANN (1997), juntamente com a integridade, a confiança e a cooperação. As organizações, nesse sentido, devem estar preparadas para promover condições de estímulo à cooperação, ao respeito afetivo, à riqueza de significados e à qualidade das relações humanas, sem detrimento à criatividade ou, melhor dizendo, indo ao encontro desse potencial.

Segundo CARR (1997) a busca pela criatividade organizacional ou produtiva deve ater-se, principalmente, em uma condição dirigida. Segundo o autor, a criatividade desfocada pode trazer prejuízos diversos à organização e seus recursos humanos. Para o autor, a importância da criatividade está na condição de novidade, conveniência, possibilidade de criar novos valores, práticas, processos, produtos e serviços. Hoje, essa idéia é implícita à condição de criatividade, uma vez que se considera a criatividade, entre outros fatores, segundo seus produtos ou resultados.

Com a intenção de decodificar sentidos, o conceito atribuído à criatividade, neste estudo, refere-se à capacidade humana de unir e organizar ou reorganizar experiências e conhecimentos, para o desenvolvimento individual ou coletivo, nos âmbitos pessoal, social ou profissional. O produto criativo, neste sentido, deve ser útil, não apenas para o indivíduo ou para a sociedade, mas, para o que ele se propõe dentro desta.

Reforça-se esta idéia, quando COHEN (1970, p. 57) afirma que: “A criatividade não é uma tarefa de tudo ou nada..., mas é antes uma série de gradações imperceptíveis [...]”, tendo de um lado, uma inventividade rudimentar e de outro a inventividade genial.

Mas por que estudar a criatividade? OSBORN (1981) preocupou-se primordialmente com esta questão e entre as inúmeras possibilidades qualitativas, descreve os benefícios da criatividade para a ciência, para a carreira para as relações pessoais, entre outros, englobando a plenitude da existência humana.

Com base em todas estas reflexões e, para promover outras referentes às inquietações do estudo, em complementação aos referenciais envolvidos na revisão de literatura, o

estudo propõe, também, o enriquecimento das discussões, apresentando, a seguir, a pesquisa exploratória, no sentido de aprofundar as reflexões sugeridas.

Material e Métodos

Esse capítulo destina-se a dar esclarecimentos sobre os métodos de coleta e análise de dados utilizados, para que se proceda um posicionamento frente às particularidades do estudo. Para tanto, aborda, de maneira descritiva a justificativa, o objetivo, a natureza da pesquisa, os procedimentos de coleta de dados, os instrumentos e os sujeitos da pesquisa, respectivamente.

Justificativa

O estudo justifica-se na consideração da busca do ser humano por diferenciais que favoreçam uma nova postura individual representativa, ressaltando a necessidade de se estimular o desenvolvimento de atitudes mais críticas e criativas, procurando suprir as expectativas e exigências vivenciais de alternativas sensíveis na atualidade, em todos os contextos.

As Atividades Físicas de Aventura na Natureza, principalmente por suas características de estímulo à cooperação e à liberdade expressiva, além da possibilidade do indivíduo colocar-se à prova, buscando novas estratégias, vencendo obstáculos imprevistos e re-elaborando sua relação com as emoções, vêm se mostrando como importante alternativa, capaz de gerar catalisadores potenciais da criatividade humana, uma vez que possibilita ao indivíduo experimentar a subjetividade do processo criativo de maneira mais real e, ao mesmo tempo, simbólica.

Outra justificativa para o desenvolvimento deste estudo é centrada na lacuna de referencial teórico que evidencie as perspectivas de reverberação das experiências vivenciadas no âmbito do lazer, para o contexto do trabalho, fomentando inquietações que perpassam sutilmente o limiar entre estas duas fronteiras.

Conhecer as conotações emocionais advindas da relação homem-natureza-trabalho, também se torna uma justificativa para o estudo, em função da possibilidade de identificação subjetiva dos elementos que permeiam esta relação e do aprimoramento da própria subjetivação.

Objetivo

Este estudo tem como objetivo investigar a possibilidade da existência de relações ressonantes das experiências emocionais vivenciadas nas Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN), no contexto do lazer e o desenvolvimento do potencial criativo humano no âmbito do trabalho.

Natureza da pesquisa

Este estudo possui natureza qualitativa cuja abordagem possibilita o desenvolvimento de uma análise mais completa das respostas dos entrevistados, como evidenciam LUDKE; ANDRÉ (1986), bem como, a possibilidade de estabelecer-se profundidade crítica aos relatos da pesquisa.

Complementando esta concepção, RICHARDSON (1989) ressalta que este tipo de pesquisa amplia e expõe, de uma forma mais intensa, a captação dos fenômenos e de suas mudanças, dentro do processo social, o que se adequa aos propósitos do estudo. Segundo ALVES-MAZZOTTI (1998), pela diversidade e maleabilidade das pesquisas qualitativas, estas se tornam empregáveis a um número diverso de situações sociais, além de proporcionarem a compreensão, de maneira mais aprofundada, da população ou grupo e do assunto pesquisados.

No caso do presente estudo, o principal aspecto que qualifica tal tipo de abordagem concerne à característica subjetiva dos eixos centrais da investigação, quais sejam: a emoção e a criatividade produtiva. Muitas nuances emocionais podem decorrer da prática das Atividades Físicas de Aventura na Natureza, em especial, quando o elemento humano, participante de tal experiência, nunca antes as experimentou. Assim, a análise qualitativa tenta garantir cada interface da nova emoção vivenciada.

A natureza da pesquisa científica, segundo AMORIM (2003), de maneira geral, sugere a aceitação da polifonia e da alteridade. Essas duas características investigativas complementares desse tipo de estudo garantem a discursividade que, segundo a autora, possibilita que o outro interprete a obra por sua própria perspectiva e identidade cultural e

social. Essa interpretação pode ou não divergir da idéia do autor. Em outras palavras, o autor não oprime o leitor ou o sujeito da pesquisa com suas idéias e concepções a respeito da temática, permitindo, assim, uma contínua construção do conhecimento e dos fatos sociais inseridos no contexto estudado.

Da mesma maneira e ao mesmo tempo justificando a característica da pesquisa, ocorre a construção da vida social do indivíduo e desenrola-se a capacidade de adaptação e experimentação de suas potencialidades produtivas. A alteridade, nesse caso, pode ser condição para que, tanto o processo investigativo como o processo social ocorram, uma vez que imprime a idéia de que o elemento apontado pelo pesquisador e o próprio desenvolvimento das potencialidades humanas no ambiente social não caracterizam uma visão unilateral do pesquisador ou do indivíduo e sim, uma qualidade representativa que é do outro e que, tanto a fala do pesquisador como a do sujeito da pesquisa influenciam-se durante todo o processo investigativo e de experimentação vivencial, determinando uma condição de construção continuada e mutável do saber.

Nesse sentido, a obra investigativa deve, segundo a autora, provocar o pensamento divergente e a discussão. Dessa característica depende a sua construção e legitimidade. Isso significa dizer que o distanciamento do pesquisador em relação ao sujeito ou objeto da pesquisa pode garantir maior aproximação dos seus resultados com a representação da realidade. [...] “O conhecimento do outro constrói-se e desconstrói-se no diálogo” [...] (AMORIM, 2003, p. 25) e o estranhamento torna-se condição início da pesquisa científica que tenta transformá-lo em algo familiar.

Procedimentos de coleta de dados

Para o desenvolvimento do estudo, foram organizadas duas etapas, sendo a primeira referente a uma revisão de literatura, onde se propõe o levantamento e identificação dos diversos estudos da literatura especializada, relacionados aos temas em questão, o que, segundo RUIZ (1978), tem o intuito de captar as principais produções acadêmicas existentes, suprimindo a base teórica e a fundamentação da pesquisa.

A segunda etapa do estudo corresponde a uma pesquisa exploratória, adentrando no universo da população a ser analisada e facilitando o conhecimento real da situação. Esta forma de pesquisa auxilia na possibilidade de compreensão mais ampliada da temática proposta e dos resultados do estudo, conforme evidenciam RICHARDSON (1989) e THIOLENT (1992).

Foram convidados 15 sujeitos, dentro das condições propostas pela pesquisa, para fazerem parte da população alvo desse estudo, para que se procedesse à coleta de dados. Desses 15 sujeitos, três, por motivos pessoais, não integraram a população, a qual totalizou 12 participantes.

Os sujeitos, participantes da pesquisa, foram contatados via Instituição Colaboradora. O acordo de colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa científica foi consolidado mediante ciência dos procedimentos a serem utilizados para o desenvolvimento do estudo e assinatura dos documentos apresentados nos apêndices 5 e 6 pelas partes, quais sejam: a Instituição Colaboradora, os sujeitos e a pesquisadora. No entanto, os participantes foram convidados a vivenciar a atividade pela atividade e caracterizada como uma vivência no âmbito do lazer.

Após a definição da amostra da população componente do estudo, a mesma foi conduzida à cidade de Brotas – SP, local especialmente selecionado para a vivência do *rafting*, atividade de aventura proposta para esta pesquisa. A vivência ocorreu durante um dia e contou com o acompanhamento de uma empresa responsável pela orientação e condução da atividade e guia especializado, bem como da pesquisadora.



FIGURA 5 – treinamento de resposta ao comando e agilidade motora, antes dos grupos entrarem na água.



FIGURA 6 – o instrutor está direcionando o bote contra a corredeira, buscando mais emoção.

O questionário foi aplicado logo após a vivência do *rafting*, para se captar e não deixar que se dissolvessem as impressões emocionais advindas da prática e as estratégias criativas utilizadas para a resolução de problemas durante a mesma, assim como outros elementos elaborados em três categorias de indicadores, quais sejam: 1. processos intelectuais; 2. processos sociais e 3. processos afetivos.

Em um próximo momento, o grupo participou de um encontro para a estimulação do processo criativo, o qual ocorreu no ambiente Institucional e levou os participantes a re-elaborarem, crítica e criativamente, os processos utilizados para a solução dos problemas experimentados nas AFAN (*rafting*) e discutirem a possibilidade de transposição dos mesmos para o ambiente de trabalho.



FIGURA 7 – o grupo participando da vivência para o estímulo do desenvolvimento do processo criativo.

A dinâmica utilizada para se estimular tais potencialidades de re-elaboração de estratégias e resolução de problemas constou, inicialmente, do levantamento dos principais

elementos evidenciados pelos participantes, no questionário aplicado no primeiro momento da pesquisa exploratória, considerando-se, para tanto, a experiência emocional da AFAN e as três categorias de análise propostas para a análise do estudo, isto é: 1. processos intelectuais; 2. processos sociais e 3. processos afetivos.

Para a realização da dinâmica, o grupo participante foi subdividido em grupos menores e, por meio da técnica de *Brainstorming*, foram convidados a re-pensar e questionar as estratégias utilizadas para a resolução de problemas vivenciados na prática da AFAN e as emoções experimentadas nesse contexto, sugerindo novas possibilidades de atuação frente às situações problema apresentadas no trabalho.

O *Brainstorming* consiste de uma tempestade de idéias descompromissadas, como a própria tradução do nome sugere, sobre a temática proposta e que, neste caso, reflete sobre os elementos vivenciados na Atividade Física de Aventura na Natureza (AFAN) e no ambiente de trabalho, levantados com base nas respostas individuais dos participantes ao questionário, primeiro instrumento utilizado na coleta de dados.

Do *Brainstorming* (divergência intelectual), cada grupo passou a trabalhar segundo uma ótica de convergência, onde foram analisadas todas as idéias geradas, no sentido de se fazer associações e possibilitar a re-elaboração de estratégias de ação, finalizando o primeiro momento da pesquisa exploratória.

A segunda etapa da coleta de dados correspondeu à aplicação da entrevista centrada, a qual foi realizada no ambiente de trabalho dos sujeitos participantes do estudo, em horários pré-determinados e marcados individualmente, logo após a participação dos mesmos no encontro para a estimulação do potencial criativo.

A entrevista foi aplicada individualmente pela pesquisadora e registrada em gravador portátil, o que permitiu que fossem preservados todos os detalhes evidenciados durante o procedimento de aplicação desse instrumento, bem como, a integridade das respostas, garantindo a qualidade e fidelidade da discussão.

Após a coleta dos dados provenientes da aplicação deste instrumento, as respostas gravadas foram analisadas e apresentadas descritivamente em tabelas, as quais se encontram no item Análise dos dados, processo que visa facilitar a discussão dos resultados.

De posse dos resultados da aplicação dos dois instrumentos, quais sejam o questionário e a entrevista, procedeu-se à análise e discussão dos dados obtidos.

Instrumentos

Para o desenvolvimento da pesquisa exploratória, foram utilizados dois instrumentos, um questionário, contendo perguntas abertas e uma entrevista centrada, composta de uma pergunta norteadora.

Considerando a necessidade de validação dos instrumentos de coleta da pesquisa, primeiramente, foram elaboradas questões que compuseram os instrumentos piloto, os quais foram apresentados a três especialistas da área de Educação Física, portadores de título de Doutor, para o procedimento de validação dos mesmos.

Com base nos resultados desta avaliação, foram elaborados os instrumentos definitivos (apêndice I) a serem utilizados para a coleta dos dados, junto à amostra selecionada, em momento oportuno.

O primeiro instrumento corresponde a um questionário, contendo perguntas abertas, o qual, para GOODE (1979), torna-se relevante quando existe uma gama variada de respostas que se poderá obter, por meio de uma pergunta, ou quando o tema pesquisado configura certo grau de subjetividade, tornando-se pertinente sua utilização neste estudo, ao se investigar as emoções.

O questionário representa vantagens, para a aplicação, como a redução do tempo da coleta de dados, podendo ser aplicado em um mesmo momento a um grupo de sujeitos e por possuir caráter não inibitório.

Neste estudo, o questionário tem como objetivo a identificação imediata das emoções percebidas e experimentadas, individual e coletivamente, por cada elemento inserido ao grupo participante das AFAN (*rafting*), bem como, o levantamento dos fatores emocionais vivenciados no trabalho, segundo a mesma categorização proposta para as AFAN.

A entrevista, correspondendo ao segundo instrumento da pesquisa, conforme salienta ALVES-MAZZOTTI (1998), tem natureza interativa, facilitando a investigação de temas mais complexos. Segundo este autor, o pesquisador que utiliza a entrevista está interessado em compreender significados de eventos, situações, processos e/ou personagens, o que a indica para esta fase da pesquisa exploratória.

A entrevista possibilita que o participante expresse seus pensamentos de maneira mais espontânea, uma vez que a elaboração da fala do sujeito ocorre de forma mais fluida e instantânea ao estímulo da pergunta, o que pode privilegiar exposição da percepção real do entrevistado sobre a temática.

Para LUDKE; ANDRÉ (1986), uma das vantagens da utilização da entrevista deve-se ao fato desta permitir que a informação desejada seja coletada de maneira direta e corrente.

Com base nestes pressupostos, a entrevista auxilia no sentido da reflexão que o estudo propõe aos participantes, comparando as experiências emocionais vivenciadas na prática das AFAN (*rafting*) e no ambiente de trabalho e sobre como o processo facilitador do desenvolvimento da potencialidade humana criativa ocorre ou pode ocorrer nesses dois universos.

No que concerne aos equipamentos necessários para a prática, foram utilizados, ainda, para que se procedesse às etapa exploratória do estudo, materiais como: coletes salva vidas, capacetes e botes infláveis, para a prática do *rafting*. Os participante também foram instruídos a utilizarem tênis, caso fosse necessário descer do bote em algum trecho do rio, calças compridas e de tecido maleável, para conforto e para minimizar a ação de insetos, possibilitando a livre movimentação das articulações, para que todos pudessem cumprir suas atividades durante a descida do rio e camisetas.

Sujeitos

A população alvo do estudo compreende uma amostra de 15 sujeitos adultos, de ambos os sexos, selecionados aleatoriamente e de acordo com os interesses da Organização Colaboradora e dos próprios sujeitos, entre membros atuantes de uma Instituição de ensino superior do Estado de São Paulo, os quais exercem atividades de comando, supervisão, liderança e/ou gerenciamento de equipes de trabalho, sem determinação de suas específicas atribuições profissionais ou setorização de trabalho. Dentro dessas características, fez-se

uma única exigência para a seleção dos participantes, a de que os mesmos nunca tivessem experimentado qualquer AFAN.

Análise dos dados

Os dados resultantes da aplicação dos instrumentos estão expostos de forma descritiva, viabilizando as investigações realizadas sob a ótica da análise qualitativa. Na visão de RICHARDSON (1989), tais investigações objetivam-se em situações e análises complexas e peculiares, o que justifica sua utilização para a proposta deste estudo, considerando as subjetividades das relações entre os elementos pesquisados.

Os dados foram analisados por meio da Técnica de Análise de Conteúdo Temático, a qual, para este autor, preocupa-se com a integridade do conteúdo, de modo a qualquer pesquisador ter a possibilidade de entender o produto da pesquisa da mesma forma, uma vez exposta descritivamente, porém tendo a possibilidade interpretá-la ou experimentá-la segundo a sua ótica.

RICHARDSON (1989) ressalta que este método de análise busca verificar a frequência de determinadas visões estimuladas pelas perguntas do questionário ou da entrevista, baseando-se em teorias relevantes para o desenvolvimento das explicações e descobertas do pesquisador.

Ainda sob a ótica qualitativa, a investigação busca representar o imaginário social nas interfaces entre a temática proposta, como uma representação da realidade experimentada pelo grupo participante. Sob essa perspectiva, TEVES (2003) imprime importância de considerar-se o imaginário social como campo de conhecimento passível de investigação.

Nesse sentido, este estudo “brinca” com essa representação, uma vez que considera as particularidades culturais e sociais do indivíduo participante ao discutir a temática criatividade produtiva e AFAN e a possibilidade de existência de aspectos ressonantes dessas atividades. O conhecimento apresentado nesse estudo não quantifica os dados da realidade, nem tampouco pode ser considerado como um saber universalizado, depende da cultura e da interação social do sujeito pesquisado, uma vez que o que exprime é a representação do imaginário social desse participante, inserido em um determinado contexto social em relação à discussão apresentada.



FIGURA 8 – descida do bote em uma das primeiras corredeiras.

Este estudo tem como um de seus principais elementos a valorização do sujeito do conhecimento, em sua corporeidade subjetiva e moldada de acordo com suas experiências histórico-sociais em constante transformação. Essa abordagem vai contra [...] “A idéia de que mediante procedimentos adequados tudo se dá a conhecer, absolutamente” [...] (TEVES, 2003, pg 54). A autora questiona o fazer ciência enquanto a possibilidade de identificação de fenômenos regulares e da formulação de equações que busquem representá-los segundo uma única linguagem. A autora demonstra, ainda, a possibilidade de se incorrer em reducionismo, incorrido ao se tentar tratar as ciências sociais, rigidamente, sob as leis das ciências naturais, falando de diversidade sob a ótica da igualdade.

Para esse estudo, mediante procedimentos adequados pode-se vir a conhecer elementos sociais dentro de uma temporalidade e situação específicas e que poderão apresentar alterações de acordo com a cultura experimentada pelo grupo pesquisado e de acordo com os interesses, valores e motivações desse grupo.

Essa proposta investigativa impede uma descrição absolutamente lógica da realidade. Segundo TEVES (2003), essa proposta tem como característica um processo de mais liberdade e que admite a complexidade e o estado de constante ebulição do ser. Outro ponto importante a ser destacado é o fato de que toda ação social humana é embutida de significados que não podem ser descartados em investigações dessa natureza, pois, para ela, [...] “Aprender uma realidade significa investigar sua dupla dimensão objetiva e subjetiva” [...] (TEVES, 2003, pg 64).

Segundo a autora, o imaginário social representa processos de produção de sentidos, que identificam papéis sociais e regulam comportamentos. Nesse sentido, a própria

valorização dos processos criativos pode ser a representação social de um imaginário de mudança qualitativa das relações humanas consigo próprio, com o outro e com o ambiente ao qual está inserido. [...] “O imaginário social não é, pois, reflexo da realidade: é seu fragmento” [...] (TEVES, 2003, pg 66).

Discussão dos dados

Nesse momento busca-se dar vida à fala dos participantes, pinçando e evidenciando fragmentos importantes dessa representação verbal, para que se possa entender qual a percepção dos mesmos sobre a possibilidade de ressonâncias emocionais das Atividades Físicas de Aventura na Natureza na criatividade produtiva.

A discussão traz a relação da visão desses sujeitos com estudos pertinentes sobre a temática e está distribuída de acordo com a categorização de análise proposta, qual seja: 1. Processos Intelectuais; Processos Sociais e Processos afetivos.

A categorização **Processos Intelectuais** foi representada pelas perguntas do questionário e respostas dos participantes, nas formas que seguem, nos parágrafos seguintes.

Sobre a possibilidade de existência da necessidade de conhecimento prévio sobre técnicas e habilidades relacionadas às atividades *rafting* e trabalho, respectivamente, os resultados apontaram na direção de uma resposta positiva, uma vez que esse cuidado, segundo os participantes, pode garantir que o indivíduo tenha maior confiança em si próprio e nos outros e segurança das ações a serem tomadas, garantindo o sucesso da atividade e a satisfação dos envolvidos com a mesma, tanto no *rafting*, como no trabalho.

Os sujeitos destacaram alguns elementos que evidenciam essa relação e necessidade, os quais podem ser observados no QUADRO 1.1.

Em meados da década de 80, já naquela época, a tecnologia e, por conseguinte, o conhecimento técnico, surgem como determinantes do processo de desenvolvimento humano e, dessa forma, adapta-se à possibilidade de concretização de ações (ACOSTA-HOYOS, 1985). Assim, cresce a necessidade de se conhecer técnicas que sustentem e garantam resultados positivos das relações humanas com o trabalho.

Segundo os participantes, também no âmbito no lazer, principalmente em atividades como o *rafting*, as quais dependem da utilização de equipamentos altamente tecnológicos, existe a necessidade de desenvolvimento do conhecimento prévio para a utilização de cada um desses materiais, minimizando incertezas e inseguranças.

Questionados sobre ter havido re-elaboração do conhecimento para a solução de problemas relacionados às duas atividades propostas, quais sejam: o *rafting* e o trabalho, os sujeitos destacaram afirmativamente essa existência, dada a uma nova situação ou à repetição de uma situação problema, à necessidade de adaptação ou de correção da aplicação prática do conhecimento, bem como, para suprir fatores externos e alcançar novos objetivos.

Para TENNYSON; BREUER (2002) a resolução criativa de problemas variados requer uma análise do aprendizado, a elaboração ou re-elaboração do conhecimento e o preparo do indivíduo para a proposição de soluções de dominação de problemas específicos.

Nesse sentido, MARCELLINO (1990) aponta o lazer como uma perspectiva de mudança e possibilidade de ressignificação e transformação qualitativa do momento presente em suas diversas frentes, relacionando-o ao processo de educação e desenvolvimento humano.

No entanto, as respostas dos sujeitos não foram unânimes ao se referirem aos aspectos da re-elaboração do conhecimento, relacionados à vivência do *rafting*. Dois dos sujeitos participantes dessa AFAN não conseguiram perceber a necessidade de re-elaboração do conhecimento, principalmente, pela calmaria do rio, que estava bem abaixo do nível ideal, devido ao longo período sem chuvas que antecedeu a prática da atividade, proporcionando um “descida” tranquila e sem imprevistos.

Outro elemento que, segundo os mesmos, contribuiu para a construção dessa visão, foi a falta de experiência dos participantes em relação à atividade, exigindo que o grupo apenas seguisse as orientações do guia, deixando a atividade literalmente mecânica e impossibilitando qualquer tipo de re-elaboração do conhecimento.

As duas atividades (*rafting* e trabalho), segundo a visão dos sujeitos, possibilitam a associação dos processos intelectuais com outras lógicas de pensamento ou estratégias utilizadas em experiências diversas. Para estes, a associação acontece de maneira simplificada e sem critérios, como uma condição natural da aprendizagem e do desenvolvimento e, até mesmo, da elaboração mental para a tomada de decisão criativa. Essa possibilidade está evidenciada nas expressões dos sujeitos, apresentadas no QUADRO 1.3.

Mais especificamente, questionados sobre os momentos criativos vivenciados nessas duas atividades, uma delas no âmbito do lazer e a outra no trabalho, com a exceção de apenas um dos participantes, o qual relatou não saber dizer a respeito de sua percepção sobre a criatividade no *rafting* e que identificou como prioridade desta atividade, a importância e a harmonia do grupo, todos os demais consideraram a possibilidade de experimentar momentos criativos nas duas situações.

No *rafting* foram levantados alguns pontos como o enfrentamento de imprevistos e de situações de “perigo” e a possibilidade de potencializar as emoções experimentadas e o divertimento, entre outros, evidenciados no QUADRO 1.4.

No trabalho, os sujeitos salientaram a criatividade como elemento capaz de transformar o caráter cansativo das atividades; possibilitar o atendimento de demandas inesperadas; suprir a falta de recursos; viabilizar a realização de novas tarefas; promover mudanças e adequação de estratégias; possibilitar que ocorram melhorias, inovação e eficiência, bem como, resolver situações diárias.

As estratégias criativas utilizadas, tanto no âmbito do trabalho como no lazer (*rafting*) especificamente, foram apontadas pelos sujeitos, da seguinte forma: no trabalho – manter a calma, buscar informações, mudar a forma de executar uma tarefa, mesmo que a maneira com que esta venha sendo feita esteja dando resultados positivos, tomar decisões firmes contando com a colaboração de todos, ter por hábito o exercício da reflexão, mudar o ângulo de visão, buscar o aprofundamento e a especialização do conhecimento, manter uma comunicação eficiente e buscar favorecer a descontração do ambiente de trabalho e no

rafting – manter a calma e a atenção às instruções do guia, a utilização alternativa de recursos (remo para desviar galhos), cultivar o bom humor e a descontração, a capacidade de adaptação, manter uma comunicação eficiente, ter iniciativa para a superação de obstáculos, manter a união e a cooperação do grupo e atentar para o cumprimento dos papéis individuais (QUADRO 1.5.).

Sobre o significado do contato com a natureza experimentado na AFAN o grupo evidenciou, entre outros elementos, a importância do estímulo à preservação, bem como, a sensação de paz, sossego, tranquilidade, harmonia e integração e a possibilidade de experimentação de momentos de intenso prazer, proporcionando o entendimento da importância de cada sujeito e do conjunto harmonioso da equipe e do meio. A experimentação do contato com a natureza no ambiente de trabalho, na visão dos participantes, quando existe, possibilita a fuga da rotina, demonstra a necessidade de manutenção do espaço, proporciona calma, para lidar com turbulências, descontração, relaxamento e reflexão.

QUADRO 1

CATEGORIA DE ANÁLISE	Processos Intelectuais
1. Existiu (existe) necessidade de conhecimento prévio sobre técnicas e habilidades relacionadas à atividade? Explique:	
<i>Rafting</i> – Sim (12) Não (-)	Trabalho – Sim (12) Não (-)
SIM Instruções prévias; Reafirmação das instruções; Utilização dos instrumentos; Desenvolvimento prévio de técnicas; Conhecimento prévio de procedimentos; Execução de tarefas;	SIM Conhecimento prévio das atividades do setor; Conhecimento das tarefas e rotinas; Desenvolvimento prévio de técnicas; Atualização para mudanças; Atender às necessidades do cliente; Para uma administração eficiente;

Minimizar riscos; Sair do lugar; Garantir a segurança; Adaptação ao novo;	Execução de tarefas; Para atingir uma meta e objetivos ou executar um plano de trabalho; Para otimizar esforços e recursos; Adaptação ao novo;
2. Houve (há) re-elaboração do conhecimento para a solução de problemas relacionados à atividade? Explique:	
<i>Rafting</i> – Sim (10) Não (2)	Trabalho – Sim (12) Não (-)
SIM A cada situação nova; Para superar imprevistos; Adaptação; Correções de rumo e técnica; Re-posicionamento de pessoal; Nova aprendizagem; Aplicação prática; Correção de técnicas; Relembrar detalhes; NÃO As explicações prévias supriram tais necessidades; Foi importante a atenção para a execução das técnicas previamente aprendidas; Tranquilidade do percurso;	SIM Na repetição de uma situação problema; Para suprir fatores externos e novos objetivos; Re-planejamento; Redirecionar meios para alcançar objetivos; Para a solução de um problema complexo; Conhecimento prévio insuficiente; Aumentar a eficiência no trabalho; Adaptação a novas tecnologias; Atualização; Correção de procedimentos; Atender mudanças; Para a busca do aperfeiçoamento;
3. A atividade proporcionou (proporciona) associação com outras lógicas de pensamento ou estratégias utilizadas em outras experiências? Explique:	
<i>Rafting</i> – Sim (12) Não (-)	Trabalho – Sim (12) Não (-)
SIM A necessidade de manter-se a atenção, a colaboração com a equipe e o sincronismo; Organização e planejamento estratégico; Com a vida; Intercâmbio de conhecimento; Equilíbrio; Senso de risco;	SIM Experimentar novas experiências; Organização e planejamento estratégico; Necessidade de aventurar-se; Trabalho em equipe e sintonia; Com a vivência do <i>rafting</i> ; Acumula e coloca em prática os princípios experimentados nas várias experiências de vida;

Observação; Senso de preservação; Bóia utilização dos recursos; Com as obrigações cotidianas; Mudança de atividade;	Incorporação de novas técnicas; Rever posturas e tarefas; Mudança de atividade; Associação para a correção de rumos e resolução de problemas;
4. Em que momento e como ocorreram (ocorrem), na atividade, elementos relacionados à criatividade? Explique:	
<i>Rafting</i> – Sim (11) Não (1)	Trabalho – Sim (12) Não (-)
Em todo momento, principalmente, frente a imprevistos e ao perigo; Para tornar o passeio mais divertido e emocionante; Escolher o caminho mais interessante; O visual da descida inspira criatividade; O contato com a natureza leva a pensamentos criativos; O imprevisível aguça a criatividade; Tomada de decisão; Associação do conhecimento; A rapidez com que ocorria a mudança de atividades; NÃO SEI O que mais despertou foi a importância do grupo e da harmonia;	Para resolver questões diárias; O tempo todo; Tornar as atividades menos cansativas; Os momentos criativos são sufocados pelos momentos de rotina; Na relação com pessoas; A necessidade do atendimento de demandas inesperadas; Falta de recursos; A administração; Novas tarefas; Mudanças e adequação de estratégias; Buscar melhorias, inovação e eficiência;
5. Quais foram (são) as estratégias criativas utilizadas para a solução de problemas ou dificuldades intelectuais encontradas? Explique:	
<i>Rafting</i>	Trabalho
Manter a calma e a atenção às instruções do guia; A escolha da trajetória; A utilização alternativa de recursos (remo para desviar galhos); Cultivar o bom humor e a descontração; Adaptação à atividade; Comunicação eficiente; Iniciativa para a superação de obstáculos; União e cooperação;	Manter a calma; Buscar informações; Mudar a forma de executar uma tarefa; Tomar decisões firmes contando com a colaboração de todos; A reflexão; A mudança de rumo; Mudar o ângulo de visão; Aprofundamento e especialização do conhecimento;

Tentativa de mudança; O cumprimento de papéis individuais; Integração;	Comunicação eficiente; Buscar alternativas; Integração, cooperação e negociação; Descontração;
6. Para você, qual foi (é) a percepção intelectual (significado) do contato com a natureza na atividade?	
<i>Rafting</i>	Trabalho
Fundamental, proporciona o entendimento da importância de cada um e do conjunto harmonioso; Paz, sossego, tranquilidade e integração; A necessidade de preservação; Sensação de revigoramento e maravilha; Possibilidade de qualidade de vida; Possibilidade de viver o momento na sua plenitude; Harmonia; Contemplação; Muito importante, o prazer do passeio se dá por conta da natureza; Capacidade de superação;	Fundamental, proporciona o entendimento da importância de cada um e do conjunto harmonioso; Sair da rotina; Observação de outras possibilidades; Manutenção do espaço; Disposição para desbravar novas possibilidades, enfrentar desafios e vencer; A calma para transpor turbulências; A importância da atuação no trabalho para a preservação do ambiente e a qualidade de vida; A possibilidade de parar, oxigenar as idéias e depois retomar; Criar unidade; Que a tudo se pode acrescentar algo; O distanciamento do trabalho em relação ao ambiente natural; Descontração, relaxamento e reflexão;
7. Outros	
<i>Rafting</i>	Trabalho
A necessidade de que cada uma faça a sua parte para a preservação da natureza e pela qualidade de vida; A possibilidade de sentir a natureza; Que a natureza é imprescindível; O desafio de viver a natureza; A natureza traz paz, liberdade e tranquilidade;	Que a natureza é imprescindível;

QUADRO 1 - tabulação geral das respostas dos sujeitos para a categoria Processos Intelectuais.

Sobre a possibilidade de experimentação de processos intelectuais no âmbito do lazer, MARCELLINO (1990) destaca o esforço de se instaurar uma proposta de recuperação pedagógica do lazer, caracterizando-o positivamente no processo de educação e desenvolvimento humano.

TEVES (2003) destaca que as experiências sociais podem ser representadas e reelaboradas emocionalmente, quando o indivíduo percebe suas reações por decorrência das mesmas.

Da mesma forma com a qual a categoria Processos Intelectuais foi trabalhada, os participantes foram estimulados a refletir sobre alguns elementos relacionados aos Processos Sociais experimentados nas atividades (*rafting* e trabalho), quais sejam: o significado do contato com o outro (QUADRO 2.1.); a possibilidade de conhecer o outro (QUADRO 2.2.); a integração com o outro (QUADRO 2.3.); o momento e a importância dos processos de comunicação vivenciados nas atividades (QUADRO 2.4.); o momento e a importância da negociação nas atividades (QUADRO 2.5.); o momento e a importância da cooperação (QUADRO 2.6.); o momento e o impacto da competição (QUADRO 2.7.) e as estratégias utilizadas para a solução das dificuldades sociais encontradas (QUADRO 2.8.).

No *rafting*, vale destacar as seguintes situações: 2.1. a vivência possibilitou o aprimoramento da confiança e do respeito solidário, relações de colaboração, segurança, companheirismo e união, a possibilidade de fortalecer vínculos, despertando o desejo de trabalhar em equipe; 2.2. foi possível ver o colega em uma nova situação, perceber os medos, os limites, a coragem, o caráter e a amizade entre os integrantes do grupo, bem

como, a interdependência, no decorrer do percurso, permitiu o aprofundamento das relações. No entanto, um dos participantes salientou que o pouco tempo despendido para a atividade, duas horas e meia aproximadamente, não permite que se estabeleçam relações mais aprofundadas.

Segundo os entrevistados, a integração pode acontecer em qualquer atividade de grupo, no entanto, o *rafting* pode potencializá-la, devido ao caráter descontraído da atividade “brincante”, que possibilita a observação do outro e tem como fatores fundamentais a necessidade de sincronismo e o desenvolvimento da confiança no outro, independentemente do espaço de tempo no qual for vivenciada (QUADRO 2.3.).

A comunicação (2.4.) ocorre a todo momento nessa atividade, na orientação do guia, no encorajamento do companheiro, durante o treinamento e o percurso, auxilia a tomada de decisões, chama a atenção do grupo para a atividade e para as orientações do guia, aumenta o sincronismo, o entusiasmo (grito de guerra) e o desempenho da equipe e pode ocorrer por gesto, pelo olhar, pela fala e/ou por expressões corporais.

A negociação (2.5.) no *rafting* ocorre, segundo os sujeitos participantes, mesmo que não seja explícita, no momento em que o medo precisa ser superado, para seguir as instruções do guia, para a tomada de decisão, nas trocas de atividades, quando um integrante da equipe não consegue desenvolver a sua função e surge a necessidade de mudanças ou adaptações, para garantir a segurança, para tornar a atividade mais agradável e para a correção das estratégias e do posicionamento, para que os objetivos sejam alcançados.

A cooperação (2.6.) acontece no *rafting*, em especial, para permitir ajustes e adequações de função. É importante para realizar o percurso com sucesso, possibilitar ao participante percorrer e vivenciar as belezas naturais do trajeto, minimizando esforços para atingir objetivos comuns e definir objetivos individuais.

A competição (2.7.) teve impacto sutil e saudável, ocorreu entre as equipes e não dentro de uma mesma equipe, estimulando o divertimento e a cooperação. Impulsionou os grupos a trabalharem com disposição e com o objetivo focado na realização da tarefa. Depende da confiança e do desempenho de cada um na equipe, não podendo haver competição entre os membros da equipe, uma vez que se um indivíduo remasse mais que outro, por exemplo, o bote entraria em desequilíbrio. Dois dos sujeitos participantes afirmaram não ter havido competição, apenas cooperação.

Para a solução dos problemas sociais experimentados durante o *rafting* (2.8.), foram importantes o diálogo e o comando, a atenção, a preocupação com o outro e com a segurança, o encorajamento, a busca de afinidades, a disposição, a alegria e a receptividade, as eventuais mudanças de rumo, o afeto, a boa vontade, a motivação e a colaboração, entre outros elementos evidenciados pelos participantes.

Nesse sentido, as atividades físicas, nesse contexto, segundo CRESPO (2003), podem refletir uma gama variada de significados e valores enriquecedores do desenvolvimento.

MARCELLINO (1983), SCHWARTZ (2000) e outros salientam que toda prática vivenciada no âmbito do lazer representa possibilidade de opção pessoal e experimentação

de diferentes processos emocionais. Dessa forma, os elementos evidenciados pelos participantes da pesquisa podem representar possibilidades significativas de desenvolvimento da criatividade, entre outras potencialidades humanas, uma vez experimentadas no âmbito do lazer.

Positivamente, pautado nos processos emocionais, o indivíduo pode desenvolver maior capacidade de adaptação e integração social ou de enfrentamento das adversidades GOLEMAN (1995).

Questionados sobre os Processos Sociais experimentados no trabalho, os sujeitos participantes da pesquisa destacaram situações e condições muito semelhantes às evidenciadas na vivência do *rafting*, permitindo a visualização de possibilidade de ressonâncias de uma experimentação na outra (QUADRO 2). No entanto, houve uma diferença marcante evidenciada na questão sobre a possibilidade de integração gerada pela atividade. No *rafting* os sujeitos salientaram que a integração ocorre mesmo considerando o curto tempo de experimentação da atividade. Ao contrário, no trabalho, mesmo que os sujeitos mantenham um contato mais duradouro e intensivo entre si, segundo a visão dos mesmos, a integração nem sempre acontece (QUADRO 2.3).

QUADRO 2

CATEGORIA DE ANÁLISE	Processos Sociais
1. Qual o significado do contato com o outro, experimentado na atividade?	
<i>Rafting</i>	Trabalho
Confiança e respeito solidário; Colaboração, companheirismo e união; Desperta o desejo de trabalhar em conjunto para alcançar objetivos;	Respeito, educação, colaboração, confiança, compreensão e ajuda; Companheirismo e união para o bom desempenho do trabalho; Conscientização da importância do outro;

Segurança; Conhecer o outro e fortalecer vínculos; A possibilidade de observar o outro; Conhecimento mútuo e sociabilidade; Compartilhamento; Visualização da relação de dependência mútua; Melhor relacionamento e integração; Desenvolver vínculos de amizade;	Segredo do sucesso; A convivência harmônica é essencial; Conhecer o outro; Respeito às experiências pessoais e às diferenças de idéias; A possibilidade de se colocar no lugar do outro; Possibilidade de manter a equipe em harmonia e amadurecida; Melhor relacionamento e integração;
2. A atividade oportunizou (oportuniza) o conhecimento do outro? Explique:	
<i>Rafting</i> – Sim (11) Não (1)	Trabalho – Sim (12) Não (-)
A interdependência no decorrer do percurso permite o aprofundamento das relações; Contato e observação do outro; Foi possível perceber os medos, os limites, a coragem, o caráter e a amizade; Possibilita que se preste mais atenção no outro; As fragilidades e habilidades ficam expostas em situações imprevisíveis e que envolvem a superação do medo; O estímulo à unidade da equipe; A possibilidade de ver o colega em uma nova situação; NÃO MUITO Precisaria de mais tempo;	Principalmente nas horas de dificuldade; Por meio do diálogo; De acordo com o tempo de convivência; Por meio do convívio diário; Principalmente nas situação imprevisíveis; A troca de experiências do trabalho em equipe; Proximidade física com o pessoal; No dia-a-dia, a cada ação praticada;
3. A atividade oportunizou (oportuniza) a integração com o outro? Explique:	
<i>Rafting</i> – Sim (12) Não (-)	Trabalho– Sim (11) Não (1)
A integração acontece em qualquer atividade de grupo; Pela oportunidade de descontração de uma atividade brincante; Na observação do outro; Da necessidade de sincronismo; Da necessidade de desenvolver-se a confiança no outro; Ocorreu em todos os níveis, principalmente, com as pessoas do mesmo barco;	A integração acontece em qualquer atividade de grupo; Por meio dos diálogos, da amizade e da convivência; A integração e o sincronismo dependem de muito ensaios; Da necessidade de sincronismo; A interdependência das sessões;

Oportunidade de observação do outro; Oportunizou conhecer pessoas de outros departamentos; Mesmo com o curto espaço de tempo;	NEM SEMPRE
4. Em que momento e como ocorreram (ocorrem) os processos de comunicação durante a atividade? Qual a importância destes processos para a resolução de problemas durante a atividade?	
<i>Rafting</i>	Trabalho
Em todo momento: orientações do guia, encorajamento do companheiro...; Durante o treinamento e o percurso; Para a tomada de decisões; Para melhorar o sincronismo e o desempenho da equipe; Para entusiasmar a equipe (grito de guerra); A voz, o gesto, o olhar, a expressão e os gritos; Explicações prévias; Atenção às orientações do guia; Pela dinamicidade da atividade; Nos momentos de insegurança, com o encorajamento do colega; Nos momentos de perigo e descontração;	Na troca de informações e de idéias; Durante todo o tempo; Valorizar os pontos fortes de cada integrante da equipe e melhorar o desempenho; Facilita o andamento das tarefas; Objetivo perseguido na ADP; A comunicação é fundamental e complexa. “Quem não se comunica se estrumbica”; Maturidade da equipe; Sem comunicação os problemas não são resolvidos;
5. Em que momento e como ocorreu (ocorre) a negociação durante a atividade? Qual a importância deste processo para a resolução de problemas durante a atividade?	
<i>Rafting</i>	Trabalho
Nos momentos de superação do medo; No momento de seguir as instruções do guia; Para a correção das estratégias e do posicionamento e função de cada um na equipe; Auxiliou na segurança e para tornar a atividade agradável; A negociação ocorre, mesmo que não seja explícita; Para a tomada de decisão; Troca de atividades; Quando um integrante da equipe não consegue desenvolver a sua função e surge a necessidade de mudanças ou adaptações;	Defender uma idéia, mostrar os prós e os contras de uma situação; Durante todo o processo de trabalho; É o segredo do trabalho, mostra democracia e civilidade; Troca de atividades; Negociação de horário, tempo, férias...; Para cumprir comandos; Para a solução de problemas;
6. Em que momento e como ocorreu (ocorre) a cooperação durante a atividade? Qual a importância deste	

processo para o desenvolvimento da atividade?	
<i>Rafting</i> – Sim (12) Não (-)	Trabalho – Sim (11) Não (1)
Em especial para auxiliar o colega que não se adapta a atividade e em todo momento; “Sem cooperação o barco afunda”; Permitir a troca de função sem constrangimento; Atendendo às solicitações do guia; Avisando sobre os galhos no caminho; Importante para a realização do percurso; Proporcionou percorrer e vivenciar as belezas do trajeto; Para minimizar esforços; Deve ocorrer em qualquer atividade de conjunto; No momento em que as pessoas aceitavam os desafios; Para atingir objetivos comuns; Definir objetivos individuais;	Constantemente, em especial para auxiliar a execução de tarefas em relação aos prazos; Quando um está mais sobrecarregado que o outro; Atitude salutar no trabalho; Para um resultado adequado no trabalho; Respeitar o potencial e os limites de cada um; Cada um oferece o que tem de melhor; Para o crescimento mútuo; Para atingir objetivos comuns; Definir objetivos individuais; Para a solução de problemas, trocando idéias e experiências; NEM SEMPRE É muito necessária, porém, nem sempre acontece.
7. Em que momento e como ocorreu (ocorre) a competição durante a atividade? Qual o impacto deste processo para o desenvolvimento da atividade?	
<i>Rafting</i> – Sim (10) Não (2)	Trabalho – Sim (12) Não (-)
Sutil e saudável, entre as equipes, não dentro de uma mesma equipe; Impulsionou a equipe a trabalhar com disposição para a realização da tarefa; Buscar alcançar o líder; A competição depende da confiança no desempenho; Houve competição construtiva; A competição foi estimulada para alcançar a cooperação; A competição foi incitada com o sentido de motivação; Não poderia haver competição dentro da equipe, pois se um remasse mais que outro o bote entraria em desequilíbrio; NÃO Não houve competição, apenas cooperação;	Sempre acontece, incomoda, mas deve ser vista como impulso para que o sujeito dê o melhor de si; Atrapalha o andamento do trabalho; É bem vinda, quando um quer executar a tarefa melhor que o outro; A competição no trabalho pode ser saudável; Quando não há uma ascensão de poder a competição é menor; O sucesso uma pessoa ou grupo tem sido motivo de admiração, alegria e estímulo para os demais buscarem o mesmo sucesso; Pode promover desentendimento e confusão; Na busca por uma promoção ou cargo de chefia, na maioria das vezes é prejudicial;

8. Quais foram (são) as estratégias utilizadas para a solução de problemas ou dificuldades sociais encontradas? Explique:	
<i>Rafting</i>	Trabalho
Diálogo e comando, revendo e passando instruções, ocasionou tranquilidade; Atenção, preocupação com o outro e segurança; Encorajamento; Buscar fazer parte de uma equipe com mais afinidades; Disposição, alegria, receptividade; Mudança de rumo; Afeto, boa vontade, motivação, atitudes encorajadoras, colaboração; Seguir as orientações do guia; União;	Comunicação, respeito e consideração; Saber seguir aquele que sabe mais; Levantar o ânimo; Identificação com a equipe; Rever procedimentos e posições; Diálogo: gestos, expressões...; Atenção; Afeto, boa vontade, motivação, atitudes encorajadoras, colaboração; União;

QUADRO 2 - Tabulação geral das respostas dos sujeitos para a categoria Processos Sociais.

Na última categoria de análise proposta, referente aos Processos Afetivos, os principais pontos destacados pelos participantes em relação à vivência do *rafting* foram: a presença e a superação do medo, em dois momentos distintos. Em um primeiro momento, caracterizado pela falta de conhecimento e informação sobre a atividade, o medo aparece como barreira para a prática da mesma e de qualquer processo que nela possa estar embutido. Por outro lado, segundo os participantes, o compromisso com o grupo e o enfrentamento do medo do desconhecido foram determinantes para dar significado e relevância à prática.

Da mesma forma que ocorreu nas categorias anteriores, não foram enfatizadas diferenças significativas entre as emoções vivenciadas na prática da AFAN e no ambiente de trabalho. Nesse sentido, pode-se destacar a ênfase dada à ocorrência de emoções com

significado positivo, mais intensamente, no *rafting* do que no trabalho e ao contrário, a evidência de que emoções negativas ou de intensidade neutra, ocorrem, na visão dos participantes, mais freqüentemente, no ambiente de trabalho.

A superação de limites para esses sujeitos, principalmente a superação do medo, teve grande importância segundo suas manifestações, pois possibilitou o desenvolvimento da autoconfiança, a elevação da auto-estima e a sensação de pertencimento e de aceitação. “Meus filhos estão orgulhosos de mim”, falou um dos participantes.

Trabalhar a emoção do sujeito pode incentivar a tomada de decisão e a adoção de uma postura mais ativa frente aos problemas apresentados.

Considerando a necessidade de que o indivíduo tenha respostas rápidas e criativas para situações-problema, torna-se interessante reafirmar que a elaboração do pensamento, no campo emocional, apresenta-se de maneira muito mais rápida e intensa do que no racional (GOLEMAN, 1995).

Outro elemento emocional bastante enfatizado pelo grupo caracteriza o prazer da própria atividade, vivenciada no âmbito do lazer, como uma forma lúdica e promotora de integração. O prazer também é associado à superação de obstáculos, do medo, da ansiedade e da capacidade física, bem como, o prazer de se estar em contato com a natureza.

Os tempos atuais de mudanças, entre outros elementos, têm levado a sociedade, de maneira geral, a valorizar práticas associadas a experiências prazerosas. Assim, essas atividades começam a ter destaque no âmbito do lazer e do entretenimento que, ha pouco tempo, eram desvalorizadas socialmente. O tempo do estresse urbano, em que se vive hoje,

pode ter contribuído para a aceitação social de existências assentadas mais intimamente no desfrutar da vida do que no viver para trabalhar (CAMARGO, 1998).

Questionados sobre as estratégias utilizadas para a solução dos problemas emocionais experimentados nas duas atividades, quais sejam: o *rafting* e o trabalho, os sujeitos apontaram na mesma direção para as duas situações, evidenciando elementos como a fé, a confiança no outro, a admiração à natureza, o bom humor, o companheirismo, a sinceridade, a concentração, a autoconfiança, a auto-estima, a coragem, a determinação, a atenção às regras e o apoio do líder, a união do grupo, a obediência e a negociação, a integração e a consciência de que enfrentar o problema é a única forma de resolvê-lo (QUADRO 3.7.).

TORRANCE; TORRANCE (1974) descrevem a necessidade de se entender e fazer uso consciente dos fatores emocionais para formular critérios de avaliação e assim, potencializar a possibilidade de desenvolvimento do processo criativo.

QUADRO 3

CATEGORIA DE ANÁLISE	Processos Afetivos
1. A atividade oportunizou (oportuniza) o auto-conhecimento? Explique:	
<i>Rafting</i> – Sim (12) Não ()	Trabalho – Sim (12) Não ()
Pude ver que consigo superar traumas e medos; Descobrir que é capaz de vencer limites; Superei o medo mais rápido do que esperava; Reforçou o prazer de estar próximo à natureza com amigos; Comparação com experiências anteriores e previsão de experiências futuras; Experimentei emoções que nunca havia experimentado antes;	Principalmente em situações difíceis e inesperadas; Capacidade de manter a calma, pesar e medir atos e conseqüências e a capacidade de improvisação; Possibilita auto-observação; Possibilita refletir sobre o próprio comportamento, atitudes e dificuldades; Ajuda a moldar os princípios; Toda atividade deixa uma lição; Diante das dificuldades e emoções vivenciadas;

Sensação de bem estar por atuar à frente do barco; Toda atividade deixa uma lição; Encontrar forças dentro de si próprio para superar os desafios; Pela experiência de uma situação totalmente nova e novas emoções; Vencer barreiras desconhecidas;	O enfrentamento de desafios;
2. A atividade oportunizou (oportuniza) a superação de limites próprios? Explique:	
<i>Rafting</i> – Sim (12) Não ()	Trabalho – Sim (12) Não ()
Superação do medo e da insegurança, confiando na capacidade do instrutor e na cooperação dos colegas; O novo às vezes traz muito medo e a superação do medo leva ao contentamento; Superação da expectativa sobre a capacidade do condicionamento físico; A impossibilidade de voltar atrás, uma vez no rio, leva a superação de limites; Eu não imaginava que conseguiria remar 15 Km em sincronia com a equipe; Sim, morro de medo de afogamento; Sim, superei o medo, a fome, o frio e a ansiedade; Enfrentamento do desconhecido;	Superação da ansiedade para a realização de tarefas difíceis de curto prazo; Desafios superados geram crescimento; A excelência do trabalho está diretamente relacionada à superação de limites; È preciso da flexibilidade para a superação de limites; Temos que nos aprimorar; Se não sei preciso aprender; Sim, mas falta espaço para reflexão; O importante é enfrentar os problemas, mesmo que você não consiga superá-los;
3. A atividade oportunizou (oportuniza) o desenvolvimento da auto-confiança? Explique:	
<i>Rafting</i> – Sim (12) Não ()	Trabalho – Sim (12) Não ()
Vi que sou capaz, tanto de me controlar como de realizar coisas diferentes e de improvisar; Teve momentos em que achei que nem precisava mais do guia; O conhecimento prévio e a experiência auxiliam a auto-confiança; O obstáculo superado gera auto-confiança e auto-estima; “Meus filhos estão orgulhosos de mim”; A confiança no guia e nos colegas gerou a auto-confiança; A necessidade de olhar sempre para a frente gerou auto-confiança; A auto-indução e a persistência ajudaram: você	Sentir-se capaz de aprender sempre; O conhecimento prévio e a experiência auxiliam a auto-confiança; O <i>feed back</i> das pessoas e do chefe promovem o bem-estar e desenvolvem a auto-confiança; O obstáculo superado gera auto-confiança e auto-estima; A persistência estimula a auto-confiança; Sim, mas as relações interpessoais, às vezes nos fazem recuar; Não ter medo do desconhecido;

pode, não desista!	
Orientação, atenção e conhecimento prévio oportunizaram a auto-confiança;	
4. Liste e explique os processos emocionais, positivos, experimentados na atividade:	
<i>Rafting</i>	Trabalho
Auto-confiança; confiança na equipe; superação; entrosamento; amizade; segurança; coragem; sensacional; alegria; prazer (a visão, o cheiro, o navegar e os amigos); admiração à natureza e às pessoas; contemplação; confiança; expectativa; coleguismo; companheirismo; paz; aventura; adrenalina; fé; surpresa; descontração; relaxamento; distanciamento do cotidiano;	Contornar obstáculos; prazer; alegria; segurança; confiança; coleguismo; companheirismo; satisfação;
5. Liste e explique os processos emocionais, negativos, experimentados na atividade:	
<i>Rafting</i>	Trabalho
Privar-se da contemplação por causa do medo e da ansiedade; insegurança; medo do desconhecido; medo de errar; incerteza; preocupação;	Insegurança; medo; ansiedade; medo de tomar a decisão errada; raiva; falta de confiança em algumas pessoas; indignação; decepção; não-cooperação; monotonia;
6. Liste e explique os processos emocionais, não passíveis de classificação como (+) ou (-), experimentados na durante a atividade:	
<i>Rafting</i>	Trabalho
Competência; carisma; gratidão;	Frustração; realização; integração; aceitação; gratidão;
7. Quais foram (são) as estratégias utilizadas para a solução de problemas ou dificuldades emocionais encontradas? Explique:	
<i>Rafting</i>	Trabalho
Fé; confiança; admiração à natureza nas quedas d'água; bom humor; companheirismo; sinceridade; concentração; auto-confiança; auto-estima; ter noção das medidas preventivas de segurança; coragem; determinação; atenção às regras e apoio no guia; união; obediência; integração; enfrentar o problema;	Fé; confiança; humildade; bom humor; companheirismo; sinceridade; concentração; auto-confiança; auto-estima; identificar a liderança; coragem; determinação; respeito; pensar antes de agir e rever atitudes e posturas; cooperação; obediência; integração; conhecimento; enfrentar o problema com o auxílio dos companheiros;
8. Em que momento e como você sentiu (sente) a re-aproximação homem-natureza na atividade?	
<i>Rafting</i>	Trabalho
No decorrer do percurso, depois de acostumar com a atividade; no momento do <i>surf</i> , quando o barco quase encheu de água; durante toda a atividade, nos faz sentir: “aqui é meu lugar”; nos trechos mais calmos do rio; o tempo todo; no momento em que os animais emitiam seus sons; quando entramos no rio; quando você faz parte dela;	Diariamente, nas caminhadas até o trabalho; “são poucos os momentos, apesar de termos o privilégio de trabalharmos tão perto da natureza; todos os dias, trabalhamos em um local privilegiado; quando nos determinarmos a agir diferente; em conversas com colegas;

9. A atividade despertou (desperta) sentimento de ética (responsabilidade) com a natureza?	
Rafting – Sim (12) Não ()	Trabalho – Sim (12) Não ()
Aprofunda esse sentimento; pela necessidade de respirarmos; reaviva muito fortemente esse sentimento; durante o trajeto; sempre; os trechos de desmatamento despertaram esse sentimento;	A cada folha de papel amassada; muito pouco; temos uma nascente no terreno que agoniza; cuidar do local onde passamos a maior parte do nosso tempo; ao cuidar do ambiente, aspecto, limpeza e conservação; nem sempre, pois o contato com a natureza é muito pouco; sempre, respeito ao espaço;
10. Outros – a natureza deve ser respeitada em qualquer ambiente e preservada em qualquer situação. Cada um deve fazer a sua parte. 	

QUADRO 3 - Tabulação geral das respostas dos sujeitos para a categoria Processos afetivos.

Nesse momento, após a análise dos dados referentes à aplicação do questionário, cabe discutir, especificamente, os elementos levantados por meio da utilização do segundo instrumento da pesquisa exploratória, a entrevista.

Foi unânime a percepção dos entrevistados sobre o questionamento proposto pela entrevista no sentido de serem ressonantes, para o desenvolvimento da criatividade produtiva, as experiências emocionais vivenciadas na AFAN (*rafting*). Alguns sujeitos, nesse sentido, conseguiram perceber essa ressonância mais claramente do que outros, o que evidencia a importância de se levar em consideração as experiências particulares desses indivíduos para a compreensão dos processos experimentados na pesquisa, no entanto, todos evidenciaram a existência de tais relações.

Para justificar essa ressonância, os participantes salientaram a ocorrência de imprevistos no trabalho, tal como na vivência do *rafting* e a possibilidade de utilização de estratégias pautadas no trabalho em equipe, onde cada pessoa da equipe deve estar atenta ao seu trabalho e ao trabalho do outro para suprir qualquer necessidade que possa surgir. O sincronismo da equipe foi um elemento evidenciado por todos os entrevistados. Segundo estes, o sincronismo, a cooperação e a confiança auxiliam na busca de soluções criativas para os problemas no trabalho.

MARINHO (2001) discute a emoção e dos compromissos compartilhados na prática das AFAN, onde são evidenciadas a coragem, a interação grupal, a tomada de decisão e a colaboração, entre outras.

A experiência de sentir, pensar, agir, sonhar, desejar, imaginar e seduzir, segundo TEVES (2003), pode estabelecer as condições do relacionamento entre o indivíduo e o mundo.

Para os participantes, a experiência vivenciada no *rafting* pode ainda promover a percepção do indivíduo sobre a importância de fatores como o comando, a organização, a colaboração e a busca por alternativas que potencializem os pontos positivos da atividade, estratégias utilizadas nessa vivência, que podem ser transferidas para o ambiente de trabalho.

Outro elemento bastante enfatizado nas entrevistas foi a possibilidade de superação de limites, empregando liberdade às ações do indivíduo que, mais confiante, se permite arriscar e a vencer obstáculos e a fazer diferente e a ser criativo, também no ambiente de trabalho.

Segundo COSTA (2001), as AFAN são desafiadoras de crenças e da construção de sentidos, possibilitando que, no momento da prática, o indivíduo re-descubra seus limites e medos e suas paixões.

Nesse sentido, assim como MARCELLINO (1990) descreve o lazer enquanto possibilidade de desenvolvimento humano, CRESPO (2003) aponta para as atividades vivenciadas no âmbito do lazer como desencadeadoras de uma gama variada de significados e valores enriquecedores do desenvolvimento pessoal. Segundo CRESPO (2003), esses valores diferem de acordo com a condição social, a cultura e o gênero, entre

outros fatores, tais quais são representados pela superação, pela competência, pela habilidade motriz, pela confiança e pela segurança em si mesmo.

A criatividade, para os entrevistados, depende, sem dúvida, do trabalho em equipe. A equipe permite que se tenha muito humor e que exista brincadeira no ambiente de trabalho, sem que se perca o foco da atividade, deixando o ambiente leve e propício para o surgimento de idéias novas.

A vivência do *rafting* permite que se reflita sobre o processo criativo no trabalho, principalmente, considerando o trabalho em equipe e a cooperação, a integração e a possibilidade de sentir-se parte. Uma equipe unida faz com que surjam atitudes criativas para a solução de problemas. Nesse sentido, o grupo percebeu a possibilidade de transferir as experiências vivenciadas no *rafting*, como, principalmente, o trabalho em equipe, a cooperação, o coleguismo, o divertimento e a superação, para o desenvolvimento de atitudes criativas da equipe no trabalho. No entanto, da mesma forma, segundo os sujeitos da pesquisa, essa transmissão depende muito do conhecimento e do interesse do indivíduo e do estilo de comando da liderança ou chefia.

O importante parece ser a criação de hábito para o desenvolvimento da criatividade e atividades como o *rafting* deveriam ser, esporadicamente, vivenciadas, juntamente com a criação de momentos para a reflexão sobre as mesmas e suas possibilidades ressonantes no ambiente de trabalho.

Este aspecto fica evidenciado no depoimento de um participante: - “a gente não precisa remar na mesma direção para alcançar o mesmo objetivo, muitas vezes, remar em

sentidos opostos, mas complementares, torna mais fácil para a equipe, alcançar um objetivo comum”.

Outros elementos, ainda na visão dos participantes da pesquisa, podem ter ressonância da AFAN no desenvolvimento da criatividade produtiva, tais quais: o uso da técnica, pois aprender algumas técnicas facilitou a execução da atividade (*rafting*), além do conhecimento do percurso e a identificação dos objetivos, os quais se quer alcançar. Mesmo um trabalho de características inflexíveis pode ser realizado de maneira diferente e alcançar resultados inusitados, a partir do momento em que o indivíduo conhece uma nova técnica ou ferramenta ou que haja uma mudança de objetivos.

Nesse sentido, as AFAN podem representar uma nova maneira de viver, valorizando a experimentação de atividades estimulantes, que brincam com o risco controlado e com a sensação do perigo e que depende da parceria técnica humana com a tecnologia (MARINHO, 2001).

No âmbito das possibilidades de colaboração para a criatividade, segundo HARGROVE (1998), para que esse processo ocorra, existe a necessidade de reconhecimento das habilidades e competências técnicas individuais e coletivas.

Fechando o pensamento do grupo participante, a expectativa, a emoção, o distanciamento do urbano, o contato com a natureza, tudo isso representou uma riqueza de detalhes tão grande, que, para tocar e transformar, ou seja, desenvolver o potencial criativo, esta experiência deve ser constantemente vivenciada. Também é importante salientar que

vale a pena estar em um ambiente de trabalho em que todos estão envolvidos como colaboradores nessa expectativa.

Considerações finais: *um recomeço*

Hoje em dia e cada vez mais, tem sido muito importante o investimento em tecnologias e esse investimento tem feito com que a concorrência entre as empresas de mesmo porte se torne muito estreita. Assim, outras alternativas, além do preço e da qualidade dos produtos, começaram a pesar nessa balança da competitividade, entre outros fatores, o funcionário ou colaborador, o qual começa a ter posição de destaque nessa relação. Com isso, a disputa por um lugar no mercado de trabalho começa também a exigir do indivíduo inserido nesse contexto, muito mais do que até então era exigido.

O que sempre se esperou do funcionário era que ele tivesse a qualificação, a formação e a experiência para exercer determinada função. Hoje, o que se espera é que além dessas premissas básicas, mais do que isso, ele tenha capacidade de relacionamento interpessoal para o trabalho em equipe, capacidade de auto-gestão e disponibilidade para manter a construção contínua do conhecimento. Com isto, a criatividade também está inserida nesse processo de reconstrução do indivíduo disputado no mercado de trabalho.

Sendo assim, entre outros fatores, o ser humano, inserido nesse contexto, tem buscado adequar-se às novas exigências, em detrimento da possibilidade de organização do seu tempo para outras atividades as quais, juntamente com o trabalho, possibilitam a

experimentação de melhoria na qualidade de vida.

Entre essas possibilidades, esse estudo buscou evidenciar a necessidade de o ser humano vivenciar atividades no âmbito do lazer, entre outros fatores, pelo caráter libertador e pela sugestão de deslocamento das obrigações diárias que essas atividades imprimem, podendo ter grande influência no processo que garante a qualidade das relações humanas com a vida. Esse elemento foi evidenciado pelos sujeitos da pesquisa quando esses afirmam a necessidade de integração e re-direcionamento das ações na vida, em seus diversos âmbitos, no sentido de possibilitar a experimentação de novas experiências, fora do ambiente de trabalho, que possibilitem a reflexão e a ressonância de atitudes positivas no trabalho.

A criatividade tem sido elemento importante para a diferenciação do sujeito que compete por um lugar no mercado de trabalho e essa condição é consciência do grupo pesquisado, mesmo considerando a subjetividade do termo e, muitas vezes, a falta de compreensão do mesmo.

Enquanto fenômeno, a criatividade tem estreita relação com a possibilidade de desenvolvimento ou transformação de ações ou situações, por meio da elaboração ou re-elaboração de idéias, afetando individual ou coletivamente a atuação do grupo no trabalho.

Segundo os resultados apresentados no estudo, tornou-se possível responder algumas indagações levantadas ao longo do texto da pesquisa, referente à possível existência de ressonância das atividades vivenciadas no âmbito do lazer no trabalho.

Conforme evidenciado nas respostas e com base na percepção dos sujeitos entrevistados, as atividades vivenciadas no âmbito do lazer são ricas em significados e na forma com que afetam emocionalmente o praticante e, nesse sentido, refletem no desempenho, desenvolvimento e nas ações do indivíduo no contexto do trabalho.

Para que se consiga experimentar tal ressonância, alguns elementos foram colocados em questionamento, como o que representa peso maior entre a oportunidade de poder optar por algum tipo de experiência que possa compor o lazer, considerando, então, qualquer vivência significativa nesse contexto, ou uma determinada atividade em si, com suas particularidades. Para o grupo pesquisado, qualquer atividade, no âmbito do lazer é rica em significado e representação, mas, atividades com as características do *rafting*, as quais misturam a possibilidade de estar junto à natureza, a contemplação, a superação, o enfrentamento da condição de desafio e, principalmente, o trabalho em equipe, podem ter impacto maior nessa relação de transferência entre lazer e trabalho.

Além de aspectos como as condições de comando vivenciadas nesta experiência, outros elementos suscitam as experiências emocionais nessas atividades, como o contato com a natureza, a participação em experiências grupais, o desafio e a possibilidade de resolução de problemas, o risco, a percepção de tempo e/ou outros.

Sobre a possibilidade de a prática das AFAN (o *rafting*) atuarem como uma simulação de experiências sensíveis, uma vez transposta dos domínios do lazer para o âmbito do trabalho, os participantes do estudo demonstraram acreditar que, individualmente, existe essa possibilidade e que, coletivamente, esse processo também

pode ocorrer, desde que o grupo de trabalho participe da atividade em conjunto, como ocorreu no desenvolvimento deste estudo. Os participantes salientaram, inclusive, a necessidade e importância de participação de toda a equipe e não somente da chefia.

Então, pode-se, efetivamente, pensar o lazer como uma experiência de significados positivos implementadora dos processos criativos produtivos, porém, desde que se tomem os cuidados necessários para garantir a participação de toda a equipe na vivência e que sejam estimuladas reflexões e discussões posteriores, considerando tal possibilidade e os mecanismos necessários para que esse processo ocorra.

Nesse sentido, esse estudo sugere que outras iniciativas sejam empreendidas com a intenção, não apenas, de identificar o impacto das AFAN, do *rafting* ou outras atividades, vivenciadas no âmbito do lazer, sobre a possibilidade de se imprimir qualidade em outras vivências, como a criatividade no trabalho, mas com o intuito, inclusive de despertar o indivíduo para a necessidade de equilibrar suas ações no trabalho e no lazer, uma vez que um fenômeno pode interferir sobre o outro e os dois refletirem sobre a qualidade das relações humanas com a vida.

É premente que se invistam esforços em todas as instituições, como na família, na escola e no trabalho, para se disseminar a importância da educação para o lazer, com o intuito de catalisar mudanças atitudinais e de valores referentes à importância do lazer como um dos elementos componentes da qualidade de vida, para que se consiga a tão almejada sustentabilidade, aqui baseada na perspectiva de ressignificação humana existencial.

Referências

ACOSTA-HOYOS, L. E. *Tecnologia e qualidade de vida: uma polêmica de nosso tempo*. Viçosa: UFV, Impr Univ, 1985.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998.

ALENCAR, E. M. L. S. de. *Criatividade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa, 2003. p. 15-31

ANTUNES, C. *A inteligência emocional na construção do novo eu*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *A teoria das inteligências libertadoras*. Petrópolis: Vozes, 2000.

BETRÁN, J. O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org). *Turismo, lazer e natureza*. Barueri: Manole, 2003.

BRUHNS, H. T. O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico. In: SERRANO, C; BRUHNS, H. T. *Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente*. Campinas: Papirus, 1997.

_____. Lazer e meio ambiente: reflexões sobre turismos de aventura. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas: v. 21, n. 1, p 727-731, set. 1999.

CAMARGO, L.O.L. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 1998.

CAMPBELL, D. G. *O Efeito Mozart: explorando o poder da música para curar o corpo, fortalecer a mente e liberar a criatividade*. Tradução Nivaldo Montigelli Jr. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CARR, C. *O poder competitivo da criatividade*. Tradução José Eduardo Noretzohn. São Paulo: Makron Books, 1997.

COHEN, J. *Homo Psychologicvs*. Tradução Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

COSTA, V. L. M.; TUBINO, M. J. G. A aventura e o risco na prática de esportes vinculados à natureza. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro: v. 6, n. 2, p. 96-112, nov. 1999.

COSTA, V. L. M. O sagrado nos esportes de aventura e risco na natureza. In: VOTRE, S. J. (Org) *Imaginário e representações sociais em educação física, esporte e lazer*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001.

CRESPO, C. L. La cuestión del género en los valores asociados al deporte. *Tándem didáctica de la educación física*, Madrid: v. 2, n. 1, p. 39-50, jan/fev/mar. 2003.

DE MASI, D. *O Ócio Criativo*: entrevista à Maria Helena Palieri. Tradução Léa Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DUMAZEDIER, J. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo: SESC, 1980.

_____. *Lazer e cultura popular*. 3ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo, SP: Perspectiva, 2004.

GAEZLER, L. *Lazer: benção ou maldição?* Porto Alegre: Sulina; Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1979.

GOODE, W.J. *Métodos em Pesquisa Social*. São Paulo: Nacional, 1979.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução Maria Cecília Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1975.

GOLEMAN, D. *Inteligência emocional*: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GRAWITCH; MUNZ; KRAMER. Effects of member mood atates on creative performance in temporary workgroups. *Group dynamics*, Saint Louis: v. 7, n. 1, p. 41-54, mar. 2003.

GUTIÉRREZ, I. G. *Psicología de la emoción*. Barcelona: Síntesis Psicología, 2003.

HARGROVE, R. *Colaboração Criativa*: a interação do talento e diversidade para obter resultados positivos. Tradução Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Cultrix, 1998.

HARMAN, W; HORMANN, J. *O trabalho criativo*. Tradução Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Cultrix, 1997.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagem qualitativa*. São Paulo: EPU, 1986.

MARCELLINO, N.C. *Lazer e Humanização*. Campinas: Papirus, 1983.

_____. *Lazer & empresa*. Campinas: Papirus, 1989.

_____. *Lazer e educação*. 2 ed. Campinas: Papirus, 1990.

MARIN, A. J. *Educação, arte e criatividade: estudo da criatividade não verbal*. São Paulo: Pioneira, 1976.

MARINHO, A. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. *Revista Brasileira Ciencias Esporte*, Cmpinas: v. 22, p. 143-153, jan. 2001.

MORENO, J. L. *Psicodrama*. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1975.

NOVAES, M. H. *Psicologia da Criatividade*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

OECH, R. V. *Um “toc” na cuca*. Tradução Virgílio Freire. São Paulo: Cultura, 1995.

OLIVEIRA, J. et al. Análisis de las actividades físicas de aventura em la naturaleza. *Apunts. Educación Física y Deportes*, n 41, p. 5-154, 1995.

OSBORN, A. F. *O poder criador da mente: princípios e processos do pensamento criador e do “brainstorming”*. 5 ed. Tradução E. Jacy Monteiro. São Paulo: Ibrasa, 1981.

PADILHA, V. *Tempo livre e Capitalismo: um par imperfeito*. Campinas: Alínea, 2000.

PAGÈS, M. *A vida afetiva dos grupos: esboço de uma teoria da relação humana*. Tradução Luiza L. Leite Ribeiro. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1976.

PÉREZ, V. Referentes e indicadores subjetivos: un intento de delimitar el valor educativo del acondicionamiento físico. *Tándem didáctica de la educación física*, Madrid, v. 2, n. 1, p. 74-78, jan/fev/mar. 2003.

PIKUNAS, J. *Desenvolvimento Humano: uma ciência emergente*. 3 ed. Tradução Auriphebo Berrance Simões. São Paulo: McGraw-Hill, 1979.

PRECIOSA, R. Eu não sou criativo. *Fashion Theory, a revista da moda, corpo e cultura*. São Paulo, v 1, n 4, p. 141-143, dez. 2002.

RAFTING. Disponível em: <<http://gorafting.no.sapo.pt/>> acesso em: 21 de abril de 2004.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1989.

RUIZ, J. A. *Metodologia Científica: guia para a eficiência nos estudos*. São Paulo, SP: Atlas, 1978.

SCHWARTZ, G. M. *Linguagem Corporal de expressão da Criatividade e seu (Des) Envolvimento na Educação Física*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1991.

SCHWARTZ, G. M. Homo Expressivus – as dimensões estética e lúdica e as interfaces do lazer. In: BRUHNS, H. T. (Org) *Temas sobre o lazer*. Campinas: Autores Associados, 2000.

SCHWARTZ, G. M. Emoção, aventura e risco – a dinâmica metafórica dos novos estilos. In: BURGOS, M. S; PINTO, L. M. S. M. *Lazer e estilo de vida*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002.

TELFORD, C. W.; SAWREY, J. M. *Psicologia: uma introdução aos princípios fundamentais de comportamento*. Tradução Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1971.

TENNYSON; BREUER. Improving problem solving and creativity through use complex-dynamic simulations. *Computers in Human Behavior*, Minneapolis: v. 18, n 6, p. 550-568, nov. 2002.

TEVES, T. Imaginário social, identidade e memória. In: FERREIRA, L. M. A; ORRICO, E. G. *Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 53-68.

THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa ação*. São Paulo: Cortez, 1992.

THOMPSON, C. *Grande Idéia!* 2 ed. Tradução Ricardo Gouveia. São Paulo: Saraiva, 1995.

TORRANCE, E. P; TORRANCE, J. P. *Pode-se Ensinar Criatividade?* São Paulo: EPU, 1974.

TORRANCE, E. P. *Criatividade: medidas, testes e avaliações*. Tradução Aydano Arruda. São Paulo: Ibrasa, 1976.

Abstract

This qualitative nature study investigates the possibility of the existence of resonant relationships between the emotional experiences lived in the “Nature Physical Adventure Activities” (AFAN) in the leisure context and the creative potential development in the work scope. The first, a literature revision on the proposed thematic and the second an exploratory research. The exploratory research was subdivided in two stages: the rafting existence, the “Nature Physical Adventure Activities” proposed for the study, by the participants of it, followed by a questionnaire application containing open questions to identify the emotional states raised by the existence and the strategies adopted for the solution of intervening problems, according to the categories: 1. intellectual processes, 2. social processes and 3. affective processes. The individuals of the research are characterized by being adult people, of both sexes, being engaged in different professional categories, however, in team command positions, employees at a Superior Education Institution in São Paulo State. The second stage of the exploratory research occurred in the Institution dependences, where the individuals took part of an encounter that had as a main objective stimulate the creativity development to re-elaborate the resolution of the experienced problems in AFAN and in work, followed by application of a centered interview which tried to identify the possible emotional resonance concerned to the AFAN in the productive creativity. The data originating from the instrument application were analyzed and descriptively presented, using the Thematic Content Analysis technique. The individuals raised up as resonant elements of the rafting on the productive creativity according to the proposed category, mainly: in the intellectual process category they

pointed out the previous knowledge necessity on the techniques used for the rafting existence, the reasoning agility and re-elaboration of knowledge to assist to new situations; the trust and the possibility of recognizing the abilities and difficulties of each other and, in the affective process category were considered outstanding the possibility to outstrip the fear, the care with each one and with the others and with the environment and amusement. In that sense, the results point the participants' perception consent concerning the theme. All the participants believe it is possible to have resonance of the rafting practice on the possibility of the creative potential development in work.

Word-key: emotion – adventure – physical activity – nature – creativity

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Instrumentos definitivos

Instrumento 1 – Questionário

Apresentado para as atividade: *rafting* – (trabalho)

1. Processos Intelectuais

- a) Existiu (existe) necessidade de conhecimento prévio sobre técnicas e habilidades relacionadas à atividade? Explique:

Rafting –

Trabalho –

- b) Houve (há) re-elaboração do conhecimento para a solução de problemas relacionados à atividade? Explique:

Rafting –

Trabalho –

- c) A atividade proporcionou (proporciona) associação com outras lógicas de pensamento ou estratégias utilizadas em outras experiências? Explique:

Rafting –

Trabalho –

- d) Em que momento e como ocorreram (ocorrem), na atividade, elementos relacionados à criatividade? Explique:

Rafting –

Trabalho –

- e) Quais foram (são) as estratégias criativas utilizadas para a solução de problemas ou dificuldades intelectuais encontradas? Explique:

Rafting –

Trabalho –

- f) Para você, qual foi (é) a percepção intelectual (significado) do contato com a natureza na atividade?

Rafting –

Trabalho –

- g) Outros –

2. Processos Sociais

- a) Qual o significado do contato com o outro, experimentado na atividade?

Rafting –

Trabalho –

- b) A atividade oportunizou (oportuniza) o conhecimento do outro? Explique:

Rafting –

Trabalho –

- c) A atividade oportunizou (oportuniza) a integração com o outro? Explique:

Rafting –

Trabalho –

- d) Em que momento e como ocorreram (ocorrem) os processos de comunicação durante a atividade? Qual a importância destes processos para a resolução de problemas durante a atividade?

Rafting –

Trabalho –

- e) Em que momento e como ocorreu (ocorre) a negociação durante a atividade? Qual a importância deste processo para a resolução de problemas durante a atividade?

Rafting –

Trabalho –

- f) Em que momento e como ocorreu (ocorre) a cooperação durante a atividade? Qual a importância deste processo para o desenvolvimento da atividade?

Rafting –

Trabalho –

- g) Em que momento e como ocorreu (ocorre) a competição durante a atividade? Qual o impacto deste processo para o desenvolvimento da atividade?

Rafting –

Trabalho –

- h) Quais foram (são) as estratégias utilizadas para a solução de problemas ou dificuldades sociais encontradas? Explique:

Rafting –

Trabalho –

- i) Outros –

3. Processos afetivos

- b) A atividade oportunizou (oportuniza) o auto-conhecimento? Explique:

Rafting –

Trabalho –

- c) A atividade oportunizou (oportuniza) a superação de limites próprios? Explique:

Rafting –

Trabalho –

- d) A atividade oportunizou (oportuniza) o desenvolvimento da auto-confiança? Explique:

Rafting –

Trabalho –

- e) Liste e explique os processos emocionais, positivos, experimentados na atividade:

Rafting –

Trabalho –

f) Liste e explique os processos emocionais, negativos, experimentados na atividade:

Rafting –

Trabalho –

g) Liste e explique os processos emocionais, não passíveis de classificação como (+) ou (-), experimentados na durante a atividade:

Rafting –

Trabalho –

h) Quais foram (são) as estratégias utilizadas para a solução de problemas ou dificuldades emocionais encontradas? Explique:

Rafting –

Trabalho –

i) Em que momento e como você sentiu (sente) a re-aproximação homem-natureza na atividade?

Rafting –

Trabalho –

j) A atividade despertou (desperta) sentimento de ética (responsabilidade) com a natureza?

Rafting –

Trabalho –

k) Outros

Instrumento 2 - Entrevista

Você percebeu alguma interferência das estratégias de solução dos problemas vivenciados durante as atividades físicas de aventura na natureza, no desenvolvimento da criatividade produtiva, para o processo de solução dos problemas no ambiente de trabalho? Se (sim), explique quais, em que momento e como ocorreram ou podem ocorrer:

APÊNDICE 2

Modelo da Declaração de que os resultados da pesquisa serão tornados públicos

Declaro para os devidos fins que os resultados da pesquisa “As ressonâncias emocionais das atividades físicas de aventura na natureza na criatividade produtiva” serão tornados públicos, por meio da defesa pública da dissertação de Mestrado e também do envio de artigos para publicação em periódicos relacionados à área em questão.

Pesquisador Responsável – Gisele Maria Schwartz

Rio Claro, de de 2004.

APÊNDICE 3

Modelo da Declaração sobre o uso e destinação do material e/ou dados coletados

Declaro para os devidos fins que os dados coletados durante o desenvolvimento da pesquisa “As ressonâncias emocionais das atividades físicas de aventura na natureza na criatividade produtiva” serão utilizados somente para fins acadêmicos, sendo que, as declarações e os nomes dos sujeitos e da empresa colaboradora são confidenciais e não serão divulgados em momento algum.

Pesquisador Responsável – Gisele Maria Schwartz

Rio Claro, de de 2004.

APÊNDICE 4

Modelo do Termo de Compromisso

Declaro para os devidos fins que o pesquisador responsável está ciente dos termos relatados na Resolução apresentada pelo Comitê de Ética do Instituto de Biociências da Unesp, Campus de Rio Claro. Assim, comprometo-me a cumprir as normas conforme o estabelecido.

Pesquisador Responsável: Fernanda Harmitt Machado

Prof^a Dr^a Gisele Maria Schwartz

Rio Claro, de de 2004.

APÊNDICE 5

Modelo do Acordo de Cooperação pesquisador/empresa

Para o desenvolvimento da pesquisa exploratória, AS RESSONÂNCIAS EMOCIONAIS DAS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA NA CRIATIVIDADE PRODUTIVA, solicitamos o preenchimento do acordo de cooperação, do qual, ambas as partes (Empresa Colaboradora e Pesquisador) têm total liberdade de cancelamento das atividades, caso as mesmas não estejam sendo cumpridas a contento, por uma ou outra parte. Assim sendo, gostaríamos de contar com a colaboração desta renomada empresa, aqui representada pelos(as) Srs(as).

Eu, Fernanda Harmitt Machado, portadora dos documentos: RG: 18937031-2 e CPF: 247252658-02, mestranda em Ciências da Motricidade, pelo DEF/IB (Departamento de Educação Física/Instituto de Biociências) da Unesp de Rio Claro – SP, na Linha de Pesquisa Estados Emocionais e Movimento, comprometo-me a cumprir com todos os acordos estabelecidos entre as partes, para a realização desta pesquisa.

Fernanda Harmitt Machado

contato: machadofh@claretianas.com.br
(19) 35248062 ou (19) 97290877

A Instituição _____, portadora
do CGC: _____, sediada
à _____, na cidade de _____ - SP,
compromete-se a cumprir com todos os acordos estabelecidos entre as partes, para a
realização desta pesquisa.

nome legível e assinatura do responsável _____ contato: _____

carimbo da empresa _____

Atenciosamente,
Fernanda Harmitt Machado e Profa Dra Gisele M. Schwartz

Rio Claro, _____ de _____ de 2004.

APÊNDICE 6

Modelo do Acordo de Cooperação pesquisador/sujeitos

Para o desenvolvimento da pesquisa exploratória, AS RESSONÂNCIAS EMOCIONAIS DAS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA NA CRIATIVIDADE PRODUTIVA, solicitamos o preenchimento do acordo de cooperação, do qual, ambas as partes (Participante e Pesquisador) têm total liberdade de cancelamento das atividades, caso as mesmas não estejam sendo cumpridas a contento, por uma ou outra parte.

Eu, Fernanda Harmitt Machado, portadora dos documentos: RG: 18937031-2 e CPF: 247252658-02, mestranda em Ciências da Motricidade, pelo DEF/IB (Departamento de Educação Física/Instituto de Biociências) da Unesp de Rio Claro – SP, na Linha de Pesquisa Estados Emocionais e Movimento, comprometo-me a cumprir com todos os acordos estabelecidos entre as partes, para a realização desta pesquisa.

Fernanda Harmitt Machado

contato: machadofh@claretianas.com.br
(19) 35248062 ou (19) 97290877

Eu _____,
portador(a) do RG: _____,
colaborador(a) da empresa _____,
portadora do CGC: _____,
ocupante do cargo: _____, comprometo-se a cumprir com
todos os acordos estabelecidos entre as partes, para a realização desta pesquisa.

assinatura

contato:

Atenciosamente,
Fernanda Harmitt Machado e Profa Dra Gisele M. Schwartz

Rio Claro, _____ de _____ de 2004.

APÊNDICE 7

Modelo do Termo de concessão de imagem

Rio Claro, de de 2004.

Eu, _____, portador(a) do RG nº _____, Concedo a utilização da minha imagem gravada em Fita VHS e/ou fotografada, na ocasião desse evento, apenas para os seguintes fins: montagem da apresentação oral da Defesa de Dissertação, ilustração das publicações acadêmicas derivadas dessa pesquisa e divulgação da atividade na pág (Internet) do IB e do LEL – Laboratório de Estudos do Lazer, da Unesp em Rio Claro – SP.

assinatura